

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

**DEISE JAQUELINE DA SILVA**

**O CORPO FEMININO NAS ARTES VISUAIS E NAS MÍDIAS:  
DESDOBRAMENTOS NA ESCOLA**

Porto Alegre - RS

2021

**DEISE JAQUELINE DA SILVA**

**O CORPO FEMININO NAS ARTES VISUAIS E NAS MÍDIAS:  
DESDOBRAMENTOS NA ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Zordan

PORTO ALEGRE – RS

2021

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais para  
obtenção do grau de licenciada em Artes Visuais.

---

DEISE JAQUELINE DA SILVA

---

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Paola Zordan

Monografia apresentada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

1<sup>a</sup> Examinador: Prof.<sup>a</sup> Dr. Celso Vitelli

---

2<sup>a</sup> Examinador: Prof<sup>o</sup> Dr. Luciana Grupelli Loponte

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo agregar reflexões obtidas entre experiências nos Estágios Docentes do curso, em Ensino Fundamental e Médio. Primeiro faz conexões com infância e período escolar, situações semelhantes e comparações com os dias atuais, referente à estética, estereótipos e beleza relacionados ao corpo feminino. Apresenta o uso de tais conceitos na prática com os estudantes de estágio, propondo relações com a historiografia e a cultura visual por meio de imagens e atividades lúdicas, percebendo as muitas formas de representação do corpo feminino e enfatizando suas construções e desconstruções. Também relata uma tutoria de estudante de Ensino Médio, realizada de modo remoto durante período pandêmico, com imagens de obras de arte do período da *pop art* e fala sobre artistas contemporâneos que trabalham assuntos referentes ao corpo e padrão estético. A necessidade de falar sobre esse assunto foi percebida devido a constante pressão exercida culturalmente pela busca de padrões corporais. As práticas dos Estágios de Docência trabalharam com propostas que envolvem experimentações a partir da visualidade dos estudantes, a fim de ampliar as reflexões acerca dos padrões de beleza e de um ideal estético.

**Palavras-chave:** corpo; padrão estético; estereótipo; projeto de ensino; escola.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. O IDEAL FEMININO E A BELEZA EM DIFERENTES CULTURAS.....	10
3. EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO, PROJETO DE ENSINO E SUAS REVERBERAÇÕES.....	15
3.1. DE DEISE PARA “SORA DEISE” .....	15
4. O POP E OS MEIOS MUDIÁTICOS E SOCIAIS.....	52
5. CONCLUSÃO.....	60
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

**LISTA DE FIGURAS**

FIGURA

1.....07

FIGURA

2.....12

FIGURA

3.....13

FIGURA

4.....14

FIGURA

5.....18

FIGURA

6.....19

FIGURA

7.....19

FIGURA

8.....20

FIGURA

9.....21

FIGURA

10.....22

FIGURA

11.....25

FIGURA

12.....25

FIGURA

13.....26

FIGURA	
14.....	27
FIGURA	
15.....	30
FIGURA	
16.....	31
FIGURA	
17.....	35
FIGURA	
18.....	37
FIGURA	
19.....	37
FIGURA	
20.....	39
FIGURA	
21.....	41
FIGURA	
22.....	45
FIGURA	
23.....	45
FIGURA	
24.....	48
FIGURA	
25.....	49
FIGURA	
26.....	49

FIGURA	
27.....	50
FIGURA	
28.....	52
FIGURA	
29.....	54
FIGURA	
30.....	57

## 1. INTRODUÇÃO

Quando criança costumava brincar de Barbie, tinha quadros da Xuxa, brinquedos com cor rosa, como todas as meninas que eu conhecia da minha idade. Mas além de só as meninas possuírem esses brinquedos específicos, percebia características predominantes, o que era visto como “bonito” para quem eu perguntasse.

Angélica, Eliana e Xuxa, foram apresentadoras de programas televisivos infantis que marcaram minha memória visual midiática na infância. Coloco em destaque o programa *Xou da Xuxa*, exibido nos anos 1990, com a presença das Paquitas, essas que apresentavam o mesmo padrão estético corporal que a apresentadora Xuxa. Suas “seguidoras” escolhidas eram jovens, loiras e magras. Quando pequena, assistia seu programa televisivo e pensava: e as outras meninas que não são como as Paquitas em sua aparência física, porque não aparecem? Se elas foram escolhidas é por que são “bonitas”, mas e as outras meninas que não são como elas, são “feias”? Eu não poderia ser Paqueta por não ser loira?<sup>1</sup>

**Figura 1:** Xuxa e as Paquitas, anos 1980



Fonte: Uol

Em *Paquitas New Generation*, surgiram meninas de cabelos castanhos, mas predominantemente brancas e seguindo os demais padrões corporais que

---

<sup>1</sup> Sugestão para assistir o curta metragem “Cores e Botas”, de 2010, que fala sobre o padrão de beleza presente nas Paquitas.

se repetiam. Cunha (2008, p.2) diz que: Se outros modos de ser mulher não são disponibilizados às crianças, então esse “tipo” passa a ser verdadeiro e válido para todas as crianças (ABREU, 2010, P.48).

Outras apresentadoras de programas infantis surgiram depois desse período, inclusive crianças, mas essa geração de baixinhos, atualmente adulta, foi marcada pela falta de representatividade da época onde um único padrão estético era exibido em um programa infantil como desejável para muitas meninas que queriam ser paquitas, mas não possuíam suas características físicas. O Brasil é um país formado por pessoas originárias de várias etnias, além dos povos indígenas que aqui já viviam e mais da metade da população é negra, mas o protótipo branco europeu do período colonial ainda se estabelece como ideal de beleza. Essa forma de pensar um corpo “almejado”, ainda está impregnada na nossa sociedade, mesmo que muitos não percebam, um padrão de aparência “desejada” é reforçado pela mídia.

A origem do meu nome vem da escolha, pelos meus pais, de duas mulheres que representaram a beleza de concursos na época do meu nascimento. A primeira, Deise Nunes, eleita Miss Brasil em 1986, e Jaqueline, uma jovem candidata a Garota Verão, concurso de beleza na região sul do país. Já havia aí de certa forma uma expectativa de que eu fizesse jus ao nome, para ser considerada “bonita”.

Na fase escolar me recordo que apelidos, *bullying* (quando essa palavra para agressões físicas e verbais ainda não era usada no Brasil) era comum entre crianças, seja pela aparência física ou comportamento diferente da maioria ali presente. Na infância por ter uma aparência diferente, tom de pele muito branca e magreza e na adolescência, quando meu corpo começou a mudar, com ganho de peso, associado a outras questões, tive meu emocional afetado e isso perdurou por algum tempo.

Com o tempo e maturidade comecei a observar o mundo ao redor, e notar entre outros fatos, que o mesmo modelo de corpo se repetia em mulheres na mídia, na moda, nos outdoors, em imagens presentes no cotidiano. Então passei a perceber as influências e possíveis consequências incluídas nessas formas ditas como “belas”.

Todas as pessoas, com suas diferentes formas de corpos, precisam se ver representadas nesses espaços, nos quais se reproduz muitas vezes uma Figura de beleza irreal, sendo a figura feminina a mais afetada. Há uma representação fictícia referente ao corpo feminino, uma forma inalcançável, presente em *outdoors*, propagandas, inseridas em personagens juvenis, fazendo distorções de corpos para um padrão de ideal de beleza que na vida real não existe. Manipulações de imagens tornam o corpo tal como um produto, onde só uma forma é considerada “bonita”, e as outras, o contrário disso, sendo imperfeições, consideradas como “feias”, formas essas que precisam ser valorizadas, pois estes são corpos reais.

Mas afinal, existe perfeição?

A mídia e outros meios visuais tem propagado um determinado padrão corporal, associando a um ideal estético que pode influenciar não só na escolha de produtos, mas também na insatisfação do corpo do expectador que passa a buscar a “perfeição” que essas imagens vendem. Especialmente os corpos femininos são objetificados, as idealizações padronizadas são colocadas como um objeto, esse desejável, mesmo sendo esta forma como inalcançável ao consumidor. Tais imagens, especialmente as de corpos femininos ao estilo “paqueta” influenciam a opinião e o gosto do espectador sobre o que é bonito ou feio e isso pode afetá-lo de várias maneiras, em diferentes faixas etárias.

Na escola, fase onde crianças e adolescentes passam por mudanças corporais, busca de identidade, descobertas sobre si, é necessário falar sobre assuntos referentes ao corpo e pensar o corpo em suas diversidades. Um determinado padrão corporal precisa ser discutido, para que os estudantes tenham consciência da importância da representatividade e se questionem sobre ideais corporais presentes na nossa cultura. O padrão de beleza corporal seria, em um ideal que subjetiva a um tipo de beleza, um conjunto de características que um corpo deve apresentar para ser considerado como belo por um determinado grupo de indivíduos. Ferreira (2000) traz definições para padrão: 1. Modelo oficial de pesos e medidas; 2. O que serve de base ou

norma para avaliação, medida; 3. Objeto que serve de modelo à feitura de outro. (FERREIRA, 2010, p, 392)

Considero importante destacar as noções de belo e feio, observadas no imaginário das crianças da turma do 6º ano, durante propostas e diálogos em sala de aula no período de estágio de ensino fundamental, no ano de 2019, de modo presencial, assim como associações referentes ao tema com autoimagem e mídias sociais, durante ensino de modo remoto realizado no ano de 2021, período de pandemia, com tutoria de estudante de ensino médio, com quinze anos de idade. Destaco referências a padrões encontrados através de atividades baseadas em imagens da História da Arte e cultura visual. Trago também algumas considerações sobre o que o estudo acerca do corpo feminino em diferentes períodos até a nossa contemporaneidade, para reflexão sobre a exagerada importância que a boa aparência e imagem pessoal ocupam nos dias de hoje e a supervalorização de imagens do corpo. Maria Rita Kehl cita que “nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar” (MARSILLAC, 2003, p.243). Esta citação se refere à aparência se tornando um capital, gerando uma gestão de si como mercadoria, baseada em imagens corporais mostradas na mídia e meios visuais, como por exemplo, nas redes sociais.

A pesquisa sobre o assunto da beleza e seus cânones foi relevante para minha formação acadêmica. Desde os primeiros anos de faculdade, foi se construindo uma percepção sobre diferentes modos de ver o corpo tanto na História da Arte como na arte contemporânea, desconstruindo certas imposições acerca da beleza. Debater sobre as imagens de corpos e modelos padronizados presentes tanto em obras de arte como, agora, em meios visuais tecnológicos me proporcionou a oportunidade de pensar sobre imperfeição e a perfeição propriamente dita, sobre si e a sociedade em que estamos inseridos, principalmente no que diz respeito ao feminino.

## **2. O IDEAL FEMININO E A BELEZA EM DIFERENTES CULTURAS**

No século XVIII, produtividade e funcionalidade do corpo demarcariam a sensibilidade burguesa que distingue o que é belo. Formas corporais mais firmes, e uma especial atenção aos quadris, tomadas como relevantes para os ideais de maternidade, vão ganhar destaque, estendendo a importância anatômica para além do rosto e do busto, já que “o objeto estético não reside somente nas partes, e sim em suas convergências” (VIGARELLO, 2006, p. 248).

Com a Revolução Industrial, no século XIX, o corpo desejado era em forma de ampulheta, adquirido através do uso de espartilhos que cada vez mais apertados. Este objeto provinha da riqueza, da aristocracia que negava as deformações da maternidade, sendo a cintura fina valorizada na época como marcação da diferença de classes sociais vigentes. No início do século XX as mulheres começam a integrar o mercado de trabalho, as roupas se soltam, mas, no término dos anos 1940 com o final da Segunda Guerra Mundial a cintura voltou a afinar. “Na década de 1940 os costumes mudam, as mulheres são magras, os cabelos soltos ganham todas as cores e caem sobre o rosto e a beleza, após as privações e sofrimentos da grande guerra, tornou-se sinônimo de saúde” (TINOCO, 2016, p.4 apud GUARRINI, 2007, P.4).

Seios pequenos e corpos sem curvas chegam à moda com o movimento hippie dos anos 1960, ao passo que o corpo começou a ser cultuado com regimes de emagrecimento e musculação, começando a se instaurar o padrão corporal de uma mulher alta, bronzeada, abdômen firme, seios elevados, pernas compridas, com padrões de uma *top model* do mundo da moda.

Nos anos 1990 começa a ditadura da magreza agregada a doenças relacionadas a distúrbios alimentares. O estilo de vida, as técnicas de meditação e os cuidados com o corpo no Oriente servem de inspiração para estilistas que colocam na moda o corpo esguio e em boa forma física como “erótico”, influenciando principalmente o comportamento feminino, causando anorexia. “A doença se alastra pelas passarelas e segundo os médicos, tem relação direta com a compulsão estética de um corpo magro estipulado às mulheres” (ULLMAN, 2004, p.96 apud GARRINI, 2007, p.3).

Os padrões corporais mudam conforme o contexto social da época. Mas o que é considerado belo nos dias de hoje?

Se observarmos outras culturas e suas práticas, podemos encontrar diferentes padrões de beleza para um ideal estético, predominantemente atribuído ao corpo feminino, deformando-o de forma prejudicial à saúde por vezes, alguns persistindo ao longo das gerações até atualmente.

A tradição antiga chinesa, por exemplo, onde os pés pequenos de uma mulher eram sinônimos de status e beleza, um fetiche do olhar masculino. “Pé de Lotus”, como era denominado, consistia em uma técnica para diminuir o tamanho aparente dos pés femininos, usando sapatos com número menor, ou enfaixando-o, assim atrofiando, quebrando a ossatura e prejudicando a saúde dessas mulheres. Segundo pesquisa, esse costume começou no século X, com a escolha da favorita entre as concubinas que agradasse o imperador. Esse costume se espalhou e virou tradição, onde meninas a partir dos quatro anos de idade começavam a usar bandagens nos pés, apertando-os e até quebrando os dedos, para que medissem menos de 10 cm, o que garantiria casamento para essas meninas.

**Figura 2:** “Pé de Lótus”.



Fonte: Site Fatos Desconhecidos

Existe um simbolismo sexual na literatura erótica indicando que o dedão era usado como substituto fálico no jogo sexual, e a fenda que se criava no meio do pé era utilizada como uma pseudovagina (PIRES, 2001).

Essa prática foi banida no século XX, mas continuou a ser feita de forma escondida por muito tempo. Hoje idosas, essas mulheres contam suas histórias

de um tempo que seguiram esse padrão de beleza imposto por uma tradição dolorosa para as mulheres.

Na África, diversas tribos, com suas práticas e costumes colocam sobre o corpo das mulheres um padrão estético para a busca de beleza.

Na Etiópia, a tribo Mursi tem como costume cortar o lábio inferior ou o lóbulo da orelha, introduzindo um prato, para que chegue a sua extensão máxima. Outra prática, essa em Lesedi, são as argolas pesadas de metal no pescoço, braços e pernas de mulheres da tribo Ndebele, que segundo o percentual masculino serve para que a mulher não fuja do casamento, nem olhe para outros homens.

**Figura 3:** Argolas de metal no corpo de mulheres.



Fonte: Site Body Publication

Na Ásia, as mulheres da tribo Padaung, também seguem a tradição de colocar anéis metálicos para alongar o pescoço, chegando a medir 30 centímetros e pesando até doze quilos. A crença desse povo é de que o pescoço é o centro da alma, sendo a identidade da tribo. Essa prática é feita em crianças a partir de cinco anos de idade, trocando os anéis até chegar à fase adulta, também sendo colocados nos tornozelos e pulsos.

Escarificações (cortes na pele) também são feitas em algumas tribos da África, deixando marcas como rendas quando cicatrizadas, contando as

fases importantes na vida dessa mulher que as possui. Essas cicatrizes têm função estética, tornando as mulheres mais “bonitas” segundo a tradição.

**Figura 4:** Escarificações na pele.



Fonte: Site Body Publication

Esses são alguns exemplos de modificações nos corpos de mulheres pelo mundo, os quais buscam um padrão de beleza sustentada por sua cultura local. Com isso me vem o pensamento associado a essas imagens da presença de *piercings* e tatuagens aparentes no corpo de pessoas em nossa cultura ocidental, principalmente de jovens, como uma forma de identidade, através de adornos e marcas no corpo, também podendo contar histórias de vida, assim como denotar pertencimento a sua tribo sem distinção de belo ou feio, assim como Umberto Eco, em seus estudos em torno da história da beleza e da feiura, comentava que “costuma-se repetir em toda parte que hoje em dia se convive com modelos opostos porque a oposição feio/belo não tem mais valor estético. Feio e belo seriam duas opções possíveis a serem vividas de modo neutro, o que parece se confirmar em muitos comportamentos juvenis”. (ECO, 2007, p. 426).

### **3. EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO, PROJETO DE ENSINO E SUAS REVERBERAÇÕES**

### 3.1 De Deise para “sora Deise”

Minha primeira experiência em escola e como estagiária foi durante o estágio obrigatório do curso de Artes Visuais, o qual ocorreu em 2019, antes da pandemia. Aconteceu em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na região sul de Porto Alegre, com supervisão da professora de Estágio Dorcas Weber, com uma turma de 6º ano de Ensino Fundamental, com estudantes na faixa etária entre 11 e 13 anos de idade. Durante as observações das aulas fui percebendo como eram as formas de corpos presentes nos desenhos da maioria dos alunos e, a partir dessas e outras observações, comecei a elaborar propostas para que os estudantes pensassem sobre referenciais imagéticos e seus próprios corpos como possibilidade para criação de outras formas de representações corporais.

No período de observação, quando me encontrava em meio aos estudantes conforme o espelho de classe, me senti a aluna nova, questionada com olhares curiosos de “quem é ela?”. Percebi através da observação, conversas, “tretas” e outros fatos que em frente ao quadro, como a “sora”, não conseguiria ter escutado e visto. A turma “agitada” logo se acostumou com minha presença ali e já não era mais desconhecida, era a “Deise” que apontavam no recreio e acenavam na entrada da escola.

Quando meu corpo passou para o outro lado da sala de aula, que não era mais o fundão, com todos aqueles corpos direcionados ao quadro, estava na visão de todos os estudantes, atentos ao que eu iria falar, e tudo mudou. Ao invés de estar observando e sendo a “Deise”, de repente passo a ser a “sora Deise”, que a propósito ensaiou toda a primeira aula, mas, na hora, esqueceu. E agora, como falar? Aos poucos fui me adaptando a essa nova perspectiva e encarando essa responsabilidade. Ao longo do tempo, com as experimentações e diálogo com a turma, os estudantes conseguiram perceber o tema do projeto...

O corpo.

O meu corpo.

O corpo do outro.

Como é esse corpo, e o corpo do outro?

E esses corpos que vemos na mídia, em revistas, ... como são?

Existem características em comum entre eles?

Que relação esses corpos que vemos tem com os nossos?

... E esses corpos agitados?

Em um encontro na rua com uma colega de estágio, começamos a falar sobre o comportamento dos alunos...

A colega me fala: “Os ‘meus’ alunos são muito quietos”.

Eu menciono: “Os ‘meus’ alunos são muito agitados”.

Alguns alunos são menos agitados, outros quietos.

E como lidar com essa diferença de comportamentos na turma para que os estudantes mais quietos não sejam prejudicados com a agitação dos demais?

Essa era mais uma entre tantas questões a serem trabalhadas durante o estágio e para além.

E esse corpo que pertenço neste espaço que ocupo?

E toda essa atenção voltada para um só corpo, em evidência? E a atenção que esse corpo precisava prestar aos estudantes nesse espaço?

Percebi que os estudantes ficavam atentos às minhas tatuagens, no meu vestuário, no meu físico, além das respostas para perguntas imprevistas que me faziam. É possível que tenha ocorrido uma primeira impressão

referente ao meu visual estético, como percebo ser recorrente em outros lugares, gerando alguns estereótipos, mas acredito ter sido desconstruído ao longo das aulas de estágio, também com os diálogos referentes ao tema corpo e padrões de beleza em questão. Esse *corpo-professora* pode ser visto por muitos estudantes como uma referência. Vejo o corpo professora também como um corpo político, podendo ser potente para diálogo entre questões referentes à sociedade e escola de várias formas, pensando em projetos futuros para além do período de estágio.

### **3.2 *Bullying*, corpo e identidade**

O *bullying* acontece há muito tempo, em diferentes ambientes, também no ambiente escolar, sendo gerado na maioria das vezes pela diferenciação entre características físicas ou comportamentais, gerando apelidos, considerados como “feios” ou vendo a diferença como algo negativo, ou um defeito para quem faz *bullying*, assim tornando motivo de riso por certos colegas ou pessoas que presenciem o ocorrido, mas não por vezes não reconhecem o fato como algo ofensivo. Na experiência de estágio do curso não presenciei nenhum caso de *bullying* na turma, mas me chamou atenção no período de observação um mural no corredor da escola, com relatos de uma turma de 9º ano sobre já ter sofrido ou já ter feito *bullying* com colegas.

**Figura 5:** Mural no corredor da escola, com depoimentos de alunos que sofreram *bullying*.



Fonte: autoria própria.

Os estudantes na minha turma de ensino fundamental do estágio estavam na faixa etária de 11 a 13 anos de idade. Nessa fase os alunos passam não só por mudanças no currículo escolar, onde há uma separação curricular por disciplinas em horários diferentes, mas também é a fase em que passam por mudanças em seus corpos, corpos que deixam de ser de crianças, mas ainda não são de adultos. E nessa transição podem surgir questões referentes a esse corpo, que começa a ganhar formas diferentes da qual estavam habituados. Quando estava com essa idade demorei a entender que meu corpo mudaria, que apareceriam pelos, volumes, peso, sangraria, enfim, tudo que um corpo de uma pré-adolescente passa. As mudanças na minha forma física mudaram também meu comportamento, a forma como olhava para meu corpo passou a se basear pelo olhar do outro, em geral comparando a mudança corporal gerada com a puberdade e comentários recorrentes de próximos em função disso. Problemas como distúrbios alimentares e anorexia surgiram com essa distorção da autoimagem, causando baixa autoestima.

Com reflexões sobre esses acontecimentos, comecei a perceber a importância de falar sobre questões referentes ao corpo, identidade e estereótipos, pensando, assim, na elaboração do projeto de ensino para a turma de Ensino Fundamental, trabalhando com imagens de padrões estéticos

inseridos na cultura visual dos alunos, associadas a algumas representações corporais na História da Arte.

**Figuras 6 e 7:** Contorno do corpo. Desenho e escrita da figura de si. Turma de ensino Fundamental.



Fonte: autoria própria

Na primeira experimentação buscando trabalhar a questão da identidade, fizemos em duplas, desenhos do contorno dos corpos dos estudantes sobre papel pardo com giz escolar. Após, observamos características físicas que se diferenciavam presentes no coletivo. Foi uma forma, também, de perceber seu próprio corpo. Os estudantes falaram sobre o que viram nos desenhos de contornos dos corpos dos colegas:

- “Esse tem um cabeção”.
- “Esse outro tem pernas finas”.

E perguntei sobre os tamanhos, se eram iguais e após observação alguns apontaram: “ah não, tem tamanhos diferentes, sora”.

Também fizemos um exercício de escrita, sobre características, gostos dos estudantes tudo o que fazia parte deles. Os questionei “se fossemos todos exatamente iguais fisicamente, uma só forma de rosto e de corpo, como iríamos conseguir nos identificar?”

Aos poucos foi se introduzindo questões para que os estudantes pensassem sobre suas características físicas e gostos em comum e diferenças que formam suas identidades.

“O que me faz único?”

Foi importante ver como os alunos se interessaram em fazer o desenho e alguns relataram posteriormente que descobriram mais sobre si através da observação e escrita, gostos, semelhanças e diferenças, e a valorar esses aspectos.

**Figura 8:** Contorno dos traços do rosto. Turma de ensino Fundamental.



Fonte: autoria própria

Ao realizar a experimentação com os estudantes, em dupla, desenhando os traços das expressões faciais do colega, percebi questões importantes:

- A vergonha do contato com o outro;
- A maioria dos alunos fez expressão de alegre, sem caretas, que era a proposta inicial;
- A percepção do outro sobre as formas expressivas do colega;

Após, vi alguns estudantes estavam modificando o desenho do seu rosto. Não teriam se agradoado ao ver seus traços desenhados? Teria a

necessidade de modificar traços que o colega fez? Isso já era feito por reis e nobres com seus rostos retratos em pinturas encomendadas para artistas no período Renascentista.

Percebi que, diferentemente de outros desenhos, uma estudante acrescentou espinhas em sua figura de rosto, o que é comum aparecer no corpo de alguns na adolescência, mas às vezes pode ser visto como algo feio e não a ser evidenciado.

Como o outro me vê?

Isso afeta a percepção que tenho sobre mim?

Como o outro me vê é como realmente sou?

Como me vejo?

Como eu sou?

Características que juntas me tornam único.

O resultado dos desenhos de contorno do rosto mostrou características predominantes que diferenciam um dos outros fazendo parte da identidade de cada um dos estudantes. Ao final da conversa sobre os desenhos, os quais foram apresentados lado a lado, também foram expostas criações de rostos a partir de recortes de revistas.

**Figura 9:** Quadro “Mulher Chorando”



Fonte: 1937, Pablo Picasso, óleo sobre tela, 60,8 x 50 cm, *Tate Gallery*, Londres

**Figura 10:** Forma de rosto com recorte de revistas feita por estudante da turma de ensino fundamental.



Fonte: autoria própria

Foi apresentada aos estudantes a Figura do retrato em pintura em óleo feito por Pablo Picasso, “Mulher que chora” (1937), cujas formas desconstruídas no período cubista não denotavam importância ao realismo e a perspectiva. A partir da Figura propus que os estudantes criassem rostos com recortes de revistas, após fizemos uma exposição e observação das criações da turma.

Questionei aos estudantes se tinha algum considerado mais bonito. Alguns apontaram o recorte que tinha a forma geométrica mais alinhada, definida inicialmente por linhas feitas com lápis e régua, parecendo ser mais harmonioso visualmente, mesmo não estando completado o rosto com recortes. A partir dessa percepção me questionei porque o desenho com recorte selecionado era justamente o que tinha uma projeção com régua e lápis anterior a colagem, e de onde poderia vir essa escolha.

No período em que estudava nos Anos Iniciais no Ensino Fundamental até os anos finais ainda, me recordo das proposições que além de trabalhar a coordenação motora, também demandavam regras como uso de margem na folha A4, utilização de régua, contagem de centímetros, o mais reto possível antes de fazer um desenho ou até mesmo para complementar algum desenho ou pintura, exigindo certa precisão, se aproximando de uma linha ou traço “perfeito” como correto.

### 3.3 O “belo” e o “feio”

Belo é - adjetivo

1. Em que há beleza.
2. Aprazível, deleitoso, ameno.
3. Que é perfeito para o fim a que se destina.
4. Que satisfaz cabalmente os nossos desejos ou prazeres.
5. Escolhido, distinto.
6. Nobre, generoso.
7. Certo.<sup>2</sup>

Na Grécia antiga, por exemplo, as esculturas mostravam o culto à beleza na sua “perfeição”, baseando-se na harmonia da proporção das partes do corpo simbolizando a harmonia entre corpo e mente. Segundo Eco (2004),

kalón traduzido como termo “belo” é aquilo que agrada, que suscita admiração, que atrai o olhar. Porém o belo era atribuído ao corpo masculino sendo sinônimo de sabedoria, enquanto a beleza feminina era idealizada. [...] a escultura grega não idealiza um corpo abstrato, mas busca uma Beleza ideal operando uma síntese de corpos vivos, na qual se exprime a Beleza das formas e a bondade da alma: é este o ideal da Kalokagathís, cuja expressão mais alta são os versos de Safo e as esculturas de Praxíteles. (ECO, 2004, p.39/40).

A escultura “Afrodite de Cnido” (IV a. C.) apresenta um corpo magro, seios pequenos e quadril pouco avantajado, sendo este o padrão corporal considerado ideal também no Renascimento, com ideais de harmonia e perfeição. O corpo idealizado na pintura *O nascimento de Vênus* (1483) pelo artista Sandro Boticelli em busca de uma beleza clássica simboliza o divino, mas com influência pagã. A mulher “ideal” tinha pele branca, lábios e seios pequenos, olhos negros, face corada e barriga levemente saliente (a ideia de maternidade era muito valorizada). Assim, a Figura da Virgem Maria, chamada

---

<sup>2</sup> Definição de "belo" no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.

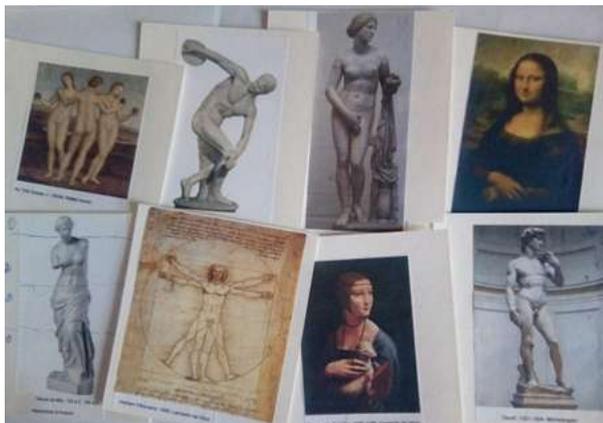
Madonna nas pinturas desta época, era a personificação desse ideal de beleza feminino (KURY; HANGREAVES; VALENÇA, 2000, p.3).

Já o corpo e a força masculina foram reverenciados em determinados períodos na história, como em o *Discóbolo de Míron*, escultura grega produzida em torno de 455 a.C. que representa um atleta que se prepara pra lançar um disco. Já David (1501-1504) de Michelangelo Buonarroti foi encomendado em Florença no período Renascentista para representar o herói bíblico que conseguiu matar o gigante Golias.

O desenho do Homem Vitruviano (1490) de Leonardo da Vinci foi considerado a representação do ideal de beleza segundo o modelo clássico, sendo o ideal das proporções humanas, resultado da anatomia com a geometria e matemática, colocando em questão a proporção áurea, que é um padrão de simetria perfeita que se repete na natureza. Alberti Dürer pensava que a representação de corpo teria que ser o mais próximo do real, sendo a medida de várias pessoas e não um padrão único e individual, como é hoje representado por meio das mídias.

No século XX, na década de 1870 e 1880, nos Estados Unidos, houve uma grande depressão econômica e um aumento de miscigenação cultural com o aumento migratório. O corpo foi utilizado também para diferenciar o cidadão americano dos imigrantes. Inicialmente os homens buscaram readquirir uma Figura de força e virilidade, moldando seus corpos com exercícios praticados com peso, aumentando sua massa muscular. Seus corpos eram exibidos em espetáculos, revistas e concursos, esses onde se dividiam duas categorias, valorizando a força física e a estética corporal. Denominada *Body Building* em 1920, essa prática ganha *status* de esporte olímpico e assim inicia o culto ao corpo, o que torna as obras de arte com figuras masculinas selecionadas parecidas com os corpos idealizados pela mídia de atualmente (PIRES, 2001).

**Figura 11:** Recorte de imagens das obras de Arte no período a Grécia Antiga e Renascimento.



Fonte: autoria própria.

Aqui cabem algumas frases que articulem as imagens mencionadas com as produções a seguir:

**Figura 12:** Mural com desenhos dos estudantes, a partir da desconstrução de formas corporais presentes em imagens de obras de Arte.



Fonte: autoria própria

Baseando-se em períodos na história da Arte onde a harmonia e as proporções eram valorizadas e ditas como belas como no período da Grécia Antiga e Renascimento, selecionei e distribuí aos estudantes da turma algumas

imagens impressas de obras de Arte com corpos femininos e masculinos em esculturas e pinturas, observando que alguns se assemelham com o ideal corporal estético atual, como a presença de músculos em homens, e pedindo para que observassem essas formas e pensassem em outras formas corporais diferentes, desenhando com plástico transparente e caneta colorida sobre as imagens. Foi interessante ver como a turma, até então agitada, ficou concentrada ao fazer os desenhos de desconstrução de formas corporais estabelecidas nas imagens, prestando atenção nessas formas e pensando como fazer outras formas, a partir também da imaginação e associação com a visualidade cotidiana de corpos, atentando a suas diferenças. Também surgiu a criação de diferentes estilos para esses corpos, alguns com tatuagens, cortes de cabelo, e vestimentas da moda, percebendo que essa também pode influenciar o modo como os estudantes pensam algo como “bonito”.

**Figura 13:** Mural da turma com recortes de revistas: “pessoas bonitas”. Turma do Ensino Fundamental.



Fonte: autoria própria.

**Figura 14:** Mural com imagens de “pessoas feias”, feito pela turma. Turma de Ensino Fundamental.



Fonte: autoria própria.

As imagens acima de dois murais, nomeados “bonito” e “feio” são resultado de uma proposta desenvolvida com uma turma, a fim de fazer apontamentos e reflexões sobre características físicas em imagens de pessoas consideradas bonitas ou feias. É possível detectar as opiniões da turma, através de recortes de revistas diversas, que foram disponibilizadas para escolha individual dos alunos.

A comparar com as imagens de obras de Arte selecionadas anteriormente, há algumas semelhanças no que se refere a pessoas consideradas “bonitas” no mural, com a presença de personalidades famosas atores/atrizes e modelos, predominantemente com corpos magros, altos, brancos, corpos definidos com músculos para os homens e corpos desprovidos de gorduras aparentes nas mulheres, sendo todos, pessoas jovens.

Já no mural de pessoas “feias” me surpreendi da presença de pessoas mais velhas como Madonna e Hebe Camargo, assim como pessoas desconhecidas da mídia, com rugas e cabelos brancos em evidência, como Jorge Amado, pessoas sem expressão de sorriso no rosto, sérias ou com expressão de braveza, e políticos. Também houve o apontamento sobre a presença de uma pessoa negra, mas os estudantes não comentaram sobre essa questão.

Mas, de onde pode vir esse senso comum predominante de beleza ou feiura presente no imaginário dos estudantes?

A cultura da sociedade contemporânea absorve sem perceber ou contestar os padrões estabelecidos em uma ideia de representação do corpo como produto de consumo, como afirma Debord (1997, p. 18), que “dentro de uma Figura é possível justapor sem contradição qualquer coisa; o fluxo de imagens carrega tudo, independente do que o espectador possa entender ou pensar”.

A Figura do corpo feminino nos meios de comunicação hegemônica é transformada em objeto de consumo ao mesmo tempo em que é consumido por mulheres, como um exemplo de beleza a ser seguido. Propagandas televisivas mostram mulheres com seios e bumbum avantajado para o público masculino, enquanto no mundo dos cosméticos e da moda a figura feminina é desprovida de formas voluptuosas. Estas imagens apresentam uma mulher que está sempre jovem ou em busca de aparente juventude através de uma atenuação das marcas do tempo.

É preciso mostrar às crianças a importância da observação e diálogo sobre as imagens que consumimos e acabamos por vezes reproduzindo, sem nos questionar de onde vêm essas características em comum e com surge um pensamento coletivo, quase unânime em relação à diferenciação do que é considerado belo ou feio. Hernandez (2000, 2002) sugere como pistas de um caminho possível para uma compreensão crítica da cultura visual:

- Explorar os discursos sobre os quais as representações constroem relatos do mundo social e favorecem determinadas visões sobre ele e nós mesmos;
- Questionar a tentativa de fixar significados nas representações e como isso afeta nossas vidas;
- Discutir as relações de poder que se produzem e se articulam por meio das representações e que podem ser reforçadas pela maneira de ver e produzir essas representações;

- Elaborar representações por procedimentos diversos como forma, resposta e modo de diálogo com as representações existentes;
- Construir relatos visuais utilizando diferentes suportes relacionados com a própria identidade e contexto sociocultural que ajudem a construir um posicionamento.

O foco de um trabalho de compreensão da cultura visual está em pensarmos a partir dessas representações sobre nós mesmos. O que falam de mim as representações de mulher, trabalhadora, professora, esposa, consumidora? O que não falam de mim? O que falam e não falam das pessoas iguais e diferentes de mim? O que posso pensar de mim a partir dessas diferentes representações? Por que determinadas representações são sempre recorrentes? Que interesses são satisfeitos com essas representações? (SARDELICH, 2006, p. 216).

E que corpos são esses submetidos pelas mídias e que consumimos: comprados, construídos, desconstruídos, muitas vezes deformados, principalmente em nome da beleza?

Na cultura brasileira, percebi que a exemplo dos murais “bonito” e “feio” dos estudantes, em nossos meios visuais consumimos, como em revistas, um padrão de beleza europeu. Um exemplo é todo um mundo a referenciar a *übermodel* brasileira Gisele Bündchen, assim como outras, presentes na Figura do mural “bonito”. Além da exigência de um corpo magro e altura acima da média de mulheres brasileiras, a moda tem representado muito pouco os diferentes tons de pele e etnias com as modelos que desfilam diversas marcas de grifes que atendem em sua maioria, um público de classe altíssima, influenciando as demais classes sociais a seguirem essas tendências.

Mesmo com as modelos *plus size*, que agora vem ganhando destaque na moda para as pessoas acima do peso conforme o IMC, são questionáveis. Essas separações de *top models*, modelos *plus size*, podem ser observadas em concursos de beleza, onde mesmo que não exista mais a polêmica medição dos quadris em polegadas, como ocorreu com a candidata a Miss Universo Marta Rocha, mesmo havendo uma maior representatividade de diferentes etnias, os corpos continuam magros e altos.

A comparar com a turma de estágio, percebi que as imagens de mulheres do mural “bonito” não representavam a maioria das meninas ali presentes, então comecei a fazer questionamentos com base em referências de alguns artistas contemporâneos em sala de aula.

Para propor que os estudantes pensassem sobre o corpo que não é considerado magro, estando acima do peso ou sobre a obesidade, mostrei a Figura de uma releitura da obra de Arte, *Mona Lisa*, do artista colombiano Fernando Botero. A famosa obra, com Botero, apresenta sua figura corpórea volumosa, possibilitando que a turma dialogasse através dos aspectos que essa Figura trazia, de modo que transcrevo aqui a fala de alguns estudantes.

**Figura 15:** Mona Lisa por Botero



Fonte: Botero, 1978.

Algumas meninas falaram que a mulher da pintura estava muito “gordinha”, que precisava dar uma “emagrecida” ou “fazer uma dieta”, relatando não ter gostado da imagem da releitura.

Questionei sobre esse aspecto ser considerado como “feio” e as mesmas estudantes apontaram que se fosse como a Mona Lisa original, a do Leonardo Da Vinci, seria mais bonita.

“Conforme se pode verificar nas pinturas da época, os períodos anteriores ao século XIX traziam um padrão que retratava corpos

volumosos e rotundos. Nessa época “a gordura foi sinônimo de saúde, beleza e sedução” (ANDRADE, 2003, p.126; FREITAS, 2010).

No Brasil, 80% das mulheres a partir dos 13 anos estão insatisfeitas com algo no seu corpo e metade delas considera-se acima do peso. Além disso, 93% das mulheres afirmam que a mídia é capaz de gerar uma busca doentia por um padrão de beleza e 73% acreditam que a moda é feita para magras (ROVERI, 2011).

**Figura 16:** *O Nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli, virou *O Nascimento de Oxum* por Harmonia Rosales.



Fonte: Harmonia Rosales, 2018. (Foto: Reprodução/Instagram)

Com a Figura de uma das pinturas da artista Harmonia Rosales, que trabalha com releituras de obras clássicas na História da Arte, aqui referenciando o período renascentista, os estudantes logo reconheceram qual era a obra de Arte em que foi baseada a releitura, onde havia os mesmos estereótipos clássicos de beleza.

A beleza feminina renascentista, diz Vigarello (2008, p.247), é a do rosto e do busto, as “partes altas” sustentadas por meros pedestais como o quadril, pernas e coxas, sem qualquer importância estética. Expressão também de ocultamento, de uma promessa, essa beleza é da imobilidade – do ócio, da languidez – e da brancura da pele, atributos da ociosidade aristocrática, requisitos de distinção social.

Houve, por muito tempo na história do Brasil, uma tentativa de apagamento do povo negro e de sua cultura, além da demonização da sua religião. Posteriormente a abolição da escravatura no país, uma obra de Arte do século XIX, feita pelo artista Modesto Broco, intitulada *A Redenção de Cam* (1895), mostra um ideal de “embranquecimento” através das gerações de uma família por meio da miscigenação. Não tão distante do nosso tempo, nos anos 1980 onde houve um processo de esterilização de mulheres negras no Brasil em um plano de governo controlador, direcionado a reduzir a população negra, que foi denunciado pelo movimento negro como um aspecto de racismo praticado no país (DAMASCO, MAIO e MONTEIRO, 2012).

Foi importante para os estudantes o pensamento da artista cubana sobre suas pinturas. Harmonia diz que “tradicionalmente, nós vemos Vênus como uma linda mulher de cabelos esvoaçantes. Meu cabelo nunca foi assim, então eu ficava me questionando porque essa deveria ser a pintura da mulher mais bonita do mundo. Então eu mudei-a e a pinte com vitiligo, porque as imperfeições são coisas bonitas”.<sup>3</sup>

Algumas meninas da turma comentaram sobre os aspectos diferentes da obra de arte de origem a releitura, pensando em outras formas de representações presentes em obras de Arte que também podem ser consideradas belas.

Eco (2012) diz que “os conceitos de belo e feio são relativos aos vários períodos históricos ou às várias culturas”. [...] e, “muitas vezes, as atribuições de beleza ou de feiura eram devidas não a critérios estéticos, mas a critérios políticos e sociais”.

A primeira e mais completa Estética do feio, elaborada em 1853 por Karl Rosenkrantz, traça uma analogia entre o feio e o mal. Como o mal e o pecado se opõem ao bem, do qual são o inferno, assim o feio é o “inferno do belo”. Rosenkrantz retoma a ideia tradicional de que o feio é o contrário do belo, uma espécie de possível erro que o belo contém em si, de modo que toda a estética, como ciência da beleza, é obrigada a enfrentar também o conceito de feiura (ECO, 2014).

---

<sup>3</sup> Informações obtidas no site: < <https://designculture.com.br/harmonia-rosales-substitui-personagens-de-obras-classicas-por-mulheres-negras> > Acesso em 28.12.2020.

Significado de Feio:

adjetivo

Sem beleza; cujo aspecto ou aparência é desagradável aos olhos.

[Figurado] Contrário à decência ou à conveniência: é feio mentir.

[Figurado] Que age desonestamente; que é vergonhoso; indecoroso, indecente: tinha um caráter muito feio.

[Figurado] Muito complicado; em que há desventura, perigo: sua situação está feia.

[Figurado] Coberto de nuvens; nublado, chuvoso: hoje o tempo está feio.

Substantivo masculino

Algo ou alguém desprovido de beleza ou que age desonestamente. <sup>4</sup>

“O que você acha bonito/feio em uma pessoa?”

Após a realização dos murais “bonito/feio” com recortes de revistas, pedi para que os estudantes pensassem em algo que considera bonito e feio em uma pessoa e escrevessem no verso dos murais.

Bonito:

Bondade	Sinceridade	Boca	Sorriso e coração
Cabelos	Abdômen sexy	O jeito dela	Sorte Olhos
Bunda	Corpo	Pessoas	Comportamento
Atitudes	Amizade	Respeito	Empatia

<sup>4</sup> Pesquisa no site: < <https://www.dicio.com.br/feio/>>. Acesso em 19.01.2021.

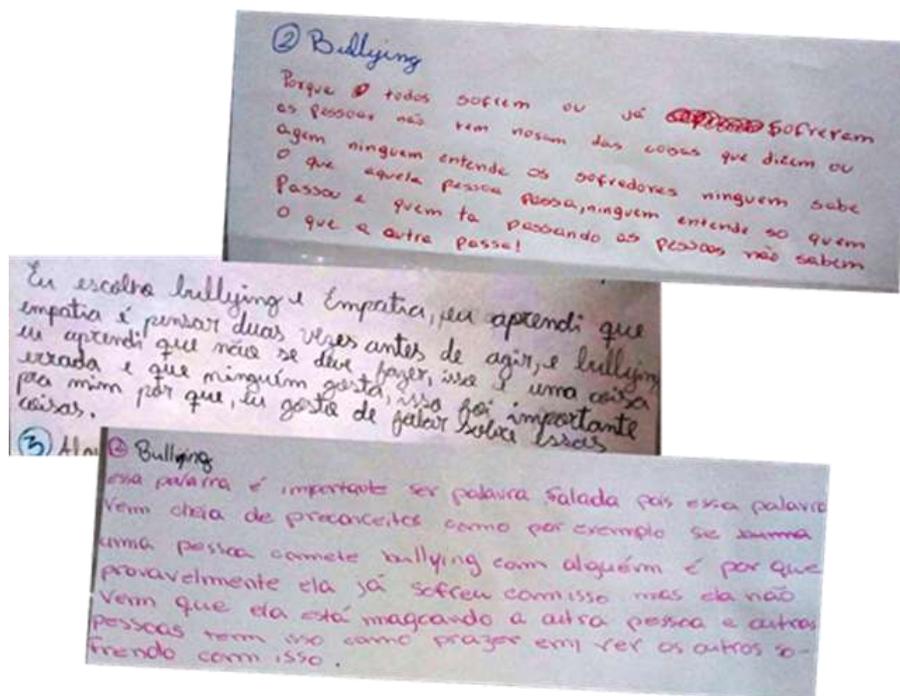
Feio:

Unha do pé	Bafo	Más atitudes	Raiva	Egoísmo
Sem atitude	Desrespeito	Mentira	Ansiedade	
Ser mal-educado	Pé	Sem caráter	<u>Nariz</u>	Ódio
				Bullying

Os estudantes começaram as escritas citando partes do corpo, decorridos de comportamentos e por último, com uma das estudantes colocando seu nome na opção “bonito”, outros estudantes começaram a colocar nomes de seus colegas como “bonito” e como “feio”, esse gerando risadas e levando essa experiência a um diálogo posterior sobre *bullying*, assim como a palavra empatia, evidenciada como “bonito” nas escritas dos estudantes.

Em uma das escritas sobre *bullying*, um estudante relatou que não gostava de ser “baixinho” e ser chamado deste modo pelos colegas, mas com as experimentações conseguiu pensar de forma que esta é uma característica que faz parte da sua identidade, assim como outros estudantes comentaram que conseguiram se conhecer melhor e gostar das suas características físicas por ser diferentes dos demais e não como algo visto como feio.

**Figura 17:** Escrita de alguns dos estudantes da turma de ensino fundamental sobre *bullying*.



Fonte: autoria própria.

### 3.4 Estereótipos, brinquedos e personagens infantis

O olhar de cada um está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças, fantasias, interpretações. O que se vê não é dado real, mas aquilo que se consegue captar, filtrar e interpretar acerca do visto, o que nos é significado (PILLAR, 2002, p.74 apud ABREU, 2010, p.35).

O nosso imaginário está carregado de imagens que estão armazenadas na nossa mente, conforme nossa vivência, nossa experiência e nossa cultura.

Mas quais são as imagens que permeiam nossa cultura? E quais impactos que essas imagens podem causar nas nossas vidas?

A palavra estereótipo vem do grego *stereos* (no português “austeridade” – algo rígido, duro) e *typo* (no português como “tipologia”, “tipógrafo”, da escrita), sendo, literalmente, “impressão sólida” ou “escrita dura”. Surge essa palavra estereótipo pela primeira vez em 1794 pelo gráfico francês Firmin Didot, referindo-se a placas metálicas em moldes recortados em duplicatas para impressão em massa de jornais, livros e outros. Em 1850, no dicionário de

Oxford, na língua inglesa, *esterétipo* é um substantivo que designa uma imagem replicada em séries, sendo mais próxima ao significado atribuído hoje a essa palavra. Em 1922, no livro *Opinião Pública*, publicado pelo jornalista norte-americano Walter Lipmann, pela primeira vez se aplica o termo para descrever a simplificação que fazemos do mundo e das pessoas a fim de facilitar a compreensão destes.

O estereótipo é uma espécie de simplificação modeladora de imagens, que faz estas exprimirem uma solução segura, certamente identificável. Dentro de uma perspectiva culturalista, Tomaz Tadeu da Silva descreve o estereótipo funcionando como “dispositivo de economia semiótica” (Silva, 1999, p.51) que nos protege da alteridade, do desconhecido, do estranho, do diferente. Toda estereotipia é a estratificação de fórmulas representativas, que fixam e cristalizam os objetos de conhecimento em imagens de domínio comum, produzindo referências visuais facilmente comunicáveis. [...] Além da televisão, o imaginário hegemônico transita nos mais diversos produtos de consumo, sob manifestações tão prosaicas que a maior parte das pessoas sequer percebe a intensidade de suas marcas visuais e a força de seus estereótipos (GOMES, 2016).

Na infância me recordo da prevalência do mesmo padrão estético presentes nos cabelos amarelos e olhos azuis em bonecas que brincava e entre essas havia a Barbie, uma de bicicleta (rosa) e outra era a Barbie grávida, cuja barriga era um acessório que podia ser removido e ela voltava a ter a cintura fina. Outras bonecas surgiram depois, como Bratz, por exemplo, a qual possui traços no rosto que parecem ter passado por cirurgias plásticas e injeções de ácido hialurônico e botulínico. Apesar de outros modelos, destaco a Barbie, que surgiu em 1959 e ainda é a boneca mais conhecida e vendida do mundo.

Figuras 18 e 19: Tirinha *Bild Lilli*. Primeira Barbie.

Fonte: Reprodução Mattel.

Barbie surgiu por Ruth Handler, que queria criar uma boneca “adulta” depois de ver sua filha brincando com boneca e roupas de papel, o que era a opção para brincar de moda e vestuário. A boneca foi inspirada em uma personagem de uma tirinha de quadrinhos erótica denominada *Bild Lilli*, destinada ao público masculino do período pós-guerra alemão, que saía no *Bild Zeitung*, um jornal tabloide na Europa. Em sua empresa Mattel, os criadores da boneca queriam a ideia de uma mulher “perfeita”, conforme o padrão de beleza americano da época.

A partir dos anos 1950, a publicidade começou a ver crianças americanas com potencial de consumo, selecionando algumas para fazer parte de um grupo para testagem da boneca, antes que um comercial, destinado ao público infantil, fosse ao ar na televisão também para outros países. Barbie representa uma mulher jovem, solteira, sem filhos, com carreira profissional,

em uma época em que muitas mulheres eram mães e “donas de casa”, onde uma criança ao brincar com a boneca também poderia projetar sua identidade adulta.

Suas proporções corporais eram alongadas, projetadas como o corpo de uma manequim, o que causou preocupação por adultos a respeito de problemas com a Figura corporal das crianças que poderiam surgir. Além disso, em 1965 a Mattel criou o conjunto de vestuário chamado “Festa do Pijama”, acompanhado com uma mini balança de brinquedo marcando cerca de 50 kg, e um pequeno livro que na frente dizia “Como Perder Peso” e atrás estava escrito “Não coma!”, o que poderia ser um estímulo a anorexia em crianças que possuíam o brinquedo.<sup>5</sup>

Em 1969 surgiu a primeira Barbie negra. Nos anos 1980 foi criada a série “bonecas pelo mundo” com Barbies de várias etnias, com diferentes tons de pele e cores de cabelo. Mas o imaginário de uma Barbie para muitas pessoas está ligado a Barbie loira de olhos azuis, tanto é que esse é o padrão mais vendido na escolha de outras bonecas de diversos estilos e modelos além das Barbies que protagonizam a uma grande série de filmes digitais animados.

Barbie coloca em evidencia o consumismo com suas roupas e acessórios e outros produtos inclusos em suas diferentes linhas de coleção, e segundo Sabat (2003):

[...] Sujeitos consomem não só mercadorias como também valores que estabelecem como deve ser o corpo, como devemos nos vestir, quais comportamentos valorizar, isso tudo não somente através das marcas de gênero, como também de raça/etnia, classe, geração, para citar algumas. (ROVERI, 2011, p.56).

É importante que crianças se sintam representadas ao ver brinquedos de todos os gêneros, etnias e também de uma forma que mais se aproxime da realística corporal, isso faz com que elas possam pensar em suas escolhas futuras como possíveis para todos, não somente a um grupo de pessoas ou classe, estereotipadas em formas repetidas com os mesmos padrões corporais.

---

<sup>5</sup> Informações obtidas em *The Toys That Made Us*, série de documentários da televisão americana, traduzida para o português como “Brinquedos que marcaram época”, disponível na Netflix. Acesso em 18.01.2021.

**Figura 20:** Princesas Disney versão original e versão plus-size.



Fonte: Site Superfeed

Também há a presença das princesas no imagético de crianças, a referenciar as princesas da Disney, essas carregadas de estereótipos dentro dos diferentes contextos históricos em que foram produzidas, presentes em seus vestidos ou castelos, com virtudes e comportamentos dignos de uma pessoa da nobreza. Mas os padrões estéticos corporais se mantêm na contemporaneidade e são percebidos tanto nas versões antigas, as princesas ditas clássicas <sup>6</sup>, Bela Adormecida ou Aurora, Branca de Neve e Cinderela quanto as princesas criadas ao final do século XX, como a Pequena Sereia Ariel, Jasmine, Bela, Pocahontas, e ainda a recente Elsa, a rainha do Gelo do filme *Frozen*.

Recentemente artistas (EDULL) recriaram desenhos de princesas da Disney, adaptando personagens e apresentando uma nova estética com princesas plus-size. Essa nova forma de representatividade também deve ser vista de forma cuidadosa, uma vez que doenças e complicações de saúde são consequências da obesidade ou excesso de peso.

<sup>6</sup> Essa nomenclatura foi criada na pesquisa Princesas, ZORDAN, 2019.

Segundo pesquisa<sup>7</sup>, 55,7% da população brasileira tem excesso de peso. Um aumento de 30,8% quando comparado com percentual de 42,6% no ano de 2006. O aumento da prevalência foi maior entre as faixas etárias de 18 a 24 anos, com 55,7%. Quando verificado o sexo, os homens apresentam crescimento de 21,7% e as mulheres 40%. As crianças pertencem ao grupo com a maior taxa de crescimento de obesidade no Brasil. Isso pode estar ligado a maior disponibilidade e acessibilidade de produtos alimentícios com densidade energética em diversos países, associado ao marketing intenso desses alimentos. A indústria alimentícia tem forte influência sobre nossos hábitos alimentares, uma vez que nos induz, em especial visualmente, tanto pela variedade nas prateleiras de supermercados, quanto em comerciais e *outdoors*, muitas vezes ocultando em letras ínfimas o real valor energético e gorduras “trans” presentes nos alimentos, como algo saudável, sem malefícios a saúde. Grande parte da população é considerada acima do peso ou obesa, devido a fatores como o sedentarismo, alimentação com excesso de carboidratos, entre outros. Mas hoje em dia, estar acima do peso se tornou motivo de preocupação para algumas pessoas, mais pelo fator estético do que de saúde.

As figuras de princesas da Disney são apresentadas excessivamente magras ou agora em versão *plus size*, não apresentando todas as formas de corpo, mais próximas do real para mostrar a diversidade de corpos, e assim uma real representatividade.

**Figura 21:** Bruxa da Branca de Neve, personagem da Disney.

---

<sup>7</sup> Dados disponíveis no site: < <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45612-brasileiros-atingem-maior-indice-de-obesidade-nos-ultimos-treze-anos> >. Acesso em 17.09.2020.



Fonte: Site Disney Princesas

Visto como contrário da figura de uma princesa, surge a Figura midiática construída da bruxa. Ao perguntar sobre como os estudantes imaginam a figura de uma bruxa, todos responderam: “Com narigão”, “corcunda”, “velha”, “feia” ...

Foi importante perceber como é o imaginário dos alunos referente à figura da bruxa, tradicionalmente a antagonista da princesa, figuras cuja Figura mental se baseia na cultura visual que consomem. Predominam características contrárias as de uma princesa da Disney, essa sendo jovem e com traços delicados, assim uma pessoa boa, e uma bruxa como velha, feia e que geralmente é associada ao mal.

- Mas quem eram essas mulheres consideradas bruxas? E por que sofreram um processo de caracterização que torna essa figura de forma unanime no imaginário da maioria das pessoas?
- O medo do desconhecido por pessoas referente ao poder que uma bruxa possui, ou o medo construído pela sociedade a fim de discriminar mulheres que não seguiam aos padrões sociais da época?
- O que pensamos sobre o que não conhecemos? Costumamos ter medo do desconhecido? Tornamos “feio”?

Enquanto para todos os sinônimos de belo seria possível conceber uma relação apreciação desinteressada, quase todos os sinônimos de feio implicam sempre uma reação de nojo, se não de violenta repulsa, horror ou susto. (ECO, 2007, p. 10).

Segundo Eco (2007) a feitiçaria, filtros mágicos e outros encantamentos já existiam desde a Antiguidade e, embora se reconhecesse que a magia negra era praticada por homens e mulheres, houve uma misoginia radicada a qual o ser maligno era identificado preferencialmente em mulheres. Isto ocorre principalmente após o período Renascentista, quando o Cristianismo passou a ser sustentado como religião única, extinguindo as reminiscências pagãs e associando suas práticas com satanismo. Assim, uma mulher que praticasse algo fora dos preceitos cristãos, como banhos, unguentos, ditos, danças e outras práticas que passam a ser consideradas feitiços, em geral teria pacto com o Diabo, segundo os manuais da Inquisição Cristã. Essas mulheres da Idade Média eram parteiras, curandeiras, faziam uso de ervas medicinais da extração de plantas para alento das enfermidades. Como viviam afastadas socialmente, pessoas da comunidade, muitas vezes as mais pobres, recorriam a elas para obter cura de doenças e proteção, já que essas mulheres também usavam a feitiçaria, em seu saber antigo, tradicional, para proteger pessoas de pragas e espadas, criando encantamentos para proteção de casas e plantações, para prender o amor e chamar boa sorte.

No século XVII, o que emerge como Ciência ganha força e os conhecimentos medicinais dessas mulheres, até então procurados, passam a ser propositalmente menosprezados. A Inquisição, os poderes aristocráticos, as pastorais e a cultura patriarcal vigente, queriam eliminar esse poder dado às mulheres, por achar demasiado perigoso, ou na verdade pelo medo que tinham, já que o homem, na visão patriarcal, deveria estar acima da mulher socialmente. Elas foram caçadas tanto no contexto protestante como católico, e seus direitos capturados, perdiam suas propriedades supondo que deveriam confessar seus pecados para se redimir e converter-se ao Cristianismo. Se assim não fizessem eram submetidas à tortura e violência, e obrigadas a falar o que a Igreja Católica queria: assumir que eram adoradoras de rituais satânicos. Foram queimadas vivas ou eram enforcadas em praça pública para moralizar a sociedade como se a extinção de seus corpos combatesse o mal, eliminando supostos praticantes de rituais pagãos ou satânicos, que diziam ser contra os ideais cristãos. “E a respeito da feiura inventou-se que nos sabás infernais elas

poderiam de transformar em criaturas de formas atraentes, mas sempre marcadas por traços ambíguos que revelariam sua feiura interior.” (ECO, 2007, p. 212).

A história, a sociedade e a cultura mistificaram as bruxas de uma forma que as pessoas as temessem, com traços fora do padrão culturalmente estabelecido como belo, sendo vistas como feias e, conseqüentemente, más. Parte destas vítimas também foi acusada de feitiçaria por serem muito bonitas e inteligentes ou por ter alguma característica física diferente dos demais, como um sinal de nascença ou uma verruga, enfim, tudo o que a diferenciava da maioria das pessoas da sociedade na época em que foram perseguidas.

Mas, o que seria considerado bruxaria nos dias de hoje baseando-se nas visões antigas e práticas pagãs referentes a uma bruxa?

Praticamente todas as mulheres posteriores a essa época, inclusive e, ainda mais, da nossa geração, seriam denominadas bruxas, por compartilhar seus conhecimentos ou por simplesmente ter o espaço e a fala que por muitas gerações foi negada.

O que a figura da bruxa ensina é um certo modo de enxergar a mulher, principalmente quando essa expressa poder. Ao longo de muitas eras da civilização patriarcal, a lição predominante sobre as mulheres que fazem uso de poderes ou que se aliam a forças que, de um modo ou de outro, a máquina civilizatória não consegue domar é bem conhecida de todos. Toda expressão de poder por parte de mulheres desembocava em punição. [...] Uma análise da farta literatura sobre o assunto nos mostra que a caracterização da bruxa que vigorou durante a Inquisição, ressoando até os dias de hoje, constitui-se como um dos elementos mais perversos produzidos na sociedade patriarcal do Ocidente. (ZORDAN, 2005)

O conhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que ficam fora dela, às suas margens (LOURO, 1999, apud ABREU, 2010, p.29). A figura da bruxa na indústria do entretenimento geralmente é mostrada como uma pessoa solitária, solteira, vestida em tons escuros, destinada em geral ao

público infantil. Ela é considerada feia, com aspecto de velha, má e perversa, não apropriada ao casamento, características essas contrárias à Figura midiática de uma princesa. Esses estereótipos são encontrados em produções cinematográficas, desenhos televisivos, na literatura de fábulas ou mesmo de terror, aparecendo como a vilã da história, às vezes atrapalhada, mas com o mesmo final.

Não existiria um final melhor para as bruxas, estas mulheres mal-amadas e antropofágicas que caíram dos penhascos, que viraram monstros, que dançaram com chinelos de ferro em brasa? Ninguém quer ser como elas, ninguém quer ser do “mal”, ninguém quer ser derrotado. No entanto, ninguém consegue atingir o modelo de virtude da princesa. Não estariam certas as bruxas, que tentaram eliminar este exemplo inatingível, esta forma fechada cujo padrão nunca conseguiremos nos encaixar? (ZORDAN, 2019, p. 154).

Atualmente a figura da Malévola, interpretada por Angelina Jolie em dois filmes homônimos, traz características que contrariam certos estereótipos criados na cultura acerca da figura da bruxa, sendo vista como sinônimo de beleza e bondade.

Mas, para além de Malévola e estudos sobre bruxas, podemos pensar na figura da bruxa como sinônimo de poder, de voz, que mesmo tentando ser silenciada por figuras opressoras na história, que temiam esse poder colocado em evidência, persistiram e ensinam outra forma de pensar o feminino e a sociedade, tornando esse corpo, de todas as mulheres, político. Podemos ser denominadas bruxas ou bruxos na atualidade e isso não tem que ser motivo de demonização ou punição, mas sim de incentivo a nossa e as próximas gerações, para lutar por liberdade nessa sociedade, a qual ainda é opressora em muitos aspectos, principalmente ao que se refere ao corpo feminino.

**Figuras 22 e 23:** Aula com brinquedos de Barbies e super-heróis e mudança de formas com projeção de sombras.



Fonte: autoria própria.

Pedagógicas, as imagens nos ensinam modos de se ver o mundo, valorar as coisas desse mundo e representar crenças e verdades. O crescimento do capitalismo na sociedade industrializada e o surgimento da publicidade de cunho visual fomentaram o valor que as imagens possuem em nossas escolhas pessoais. Mais do que a mercadoria, o que se consome passa a ser a imagem, o sonho vendido pelo produto. (GOMES, 2016)

Barbies, princesas, super-heróis, imagens inseridas na cultura visual dos estudantes, imagens associadas a mulheres magras e altas como modelos, assim como homens musculosos estiveram presentes no mural construído com recortes de revistas pelos estudantes. Esta e outras experiências atestam que existe um mesmo padrão dizendo o que é considerado belo na nossa contemporaneidade. Para problematizar brinquedos que mostram esses padrões corporais, selecionei alguns disponíveis na brinquedoteca da UFRGS para diálogo sobre características predominantes neste tipo de figura. O intuito era pensar outras formas possíveis de corpo, através da experimentação de desenhos com projeção de sombras desses brinquedos, como referência a artista Regina Silveira em sua série *Anamorfias* (1980).

Em sala de aula surgiram questões de gênero e outras, referentes ao corpo, as quais continuaram, mesmo após o período de estágio:

- As Barbies parecem com as modelos que apareceram no mural de pessoas bonitas? Estas têm o mesmo padrão corporal? Por quê?
- Os super-heróis parecem com as esculturas masculinas da Grécia Antiga e do Renascimento apresentados em sala de aula? Que relação isso pode ter?
- A presença de músculos significa força? O que mais pode significar?

Corpos atléticos, com músculos aparentes, “perfeitos” proporcionalmente, como os mostrados nas imagens em obras da História da Arte, certamente serviram de inspiração para a criação de personagens super-heróis que circulam em revistas de Histórias em Quadrinhos, programas televisivos etc. Tais imagens estão impregnadas no imaginário de muitas pessoas que cresceram consumindo esse estereótipo de força e imortalidade. No mesmo contexto dos quadrinhos, é possível observar que mulheres super-heroínas, como a Mulher-Maravilha, entre outras, possuem corpos atléticos, porém sexualizados, com seios avantajados, cintura fina, quadris largos e geralmente apresentados em posições ginecológicas. O público consumidor é predominantemente masculino. Desde crianças somos educados visualmente pela cultura a estabelecer relações de diferenciação de gêneros, sexualização, assim como os estereótipos inseridos nessas imagens.

- Existe brinquedo de menina e brinquedo de menino? Existe cor de menina e cor de menino?

Ao perguntar para os estudantes sobre isso, a maioria das meninas na sala de aula respondeu rapidamente que não existe diferença, todos podem brincar com os diversos brinquedos que foram apresentados. Já a maioria dos meninos não quis opinar, exceto um aluno que me comentou separadamente a vergonha que poderia ser gerada se um menino brincasse de Barbie perto dos outros colegas, pois seria algo “feminino”.

Os meninos desde cedo também sofrem pressão para se diferenciarem em gênero, no comportamento, o que por vezes acaba refletindo no corpo. A cultura de que meninos não podem ser emotivos, sensíveis, não podem chorar,

acaba por gerar um comportamento por vezes agressivo a fim de obterem uma aprovação perante os outros do mesmo gênero. A sensibilidade masculina, quando expressada, geralmente é vista como sinônimo de homossexualidade, que também é tratada como algo negativo e ligado ao feminino. Alguns, influenciados por outras figuras masculinas, praticam esportes, por vezes violentos, e na fase adulta procuram meios que podem ser prejudiciais à saúde para aumentar os músculos no corpo e aparentarem força física, negligenciando seu lado emocional.

Assim como os ideais de beleza, a diferença de gênero é uma construção social, onde os meninos são normalizados a detonar, destruir, serem velozes e até agressivos. Isto se dá por *games*, carros de brinquedo e tudo o que faz parte do universo infantil de consumo massivo. Já as meninas são normalizadas a serem delicadas, passivas, dedicadas a tarefas da casa, como nas figuras das princesas, especialmente as clássicas, e entendidas sobre beleza estética e consumo de produtos femininos, tal qual como a Barbie ensina.

As crianças aprendem a enxergar com naturalidade os abismos que separam seus brinquedos nas gondolas em faixas etárias e gêneros distintos. Meninas e meninos são vistos como segmentos de mercado e os brinquedos são fabricados e expostos nas lojas de modo que lhes fixe uma identidade. Enquadradas em um perfil de consumo, acredita-se que as crianças terão uma experiência agradável de compra ao deparar-se com um brinquedo personalizado para "suas necessidades sexuais e características etárias" (ROVERI; SOARES, 2011).

- Quais outras formas de corpo diferente das apresentadas como belo podemos ver? Qual relação entre essas formas e estereótipos?

A referenciar personagens na mídia, alguns apresentam estereótipos, como por exemplo, os personagens do filme *Zootopia*, onde as profissões são definidas: animais de grande porte sendo policiais, e bichos preguiças como servidores públicos em atendimento.

Construímos um mural em sala de aula com outros nomes de personagens além dos citados e surgiram personagens como o Shrek e o Kung Fu Panda, esses que desconstróem estereótipos de aparência física, músculos ou porte atlético para representar a figura de um herói como geralmente é apresentado na televisão. Outra personagem é Fiona, a princesa que assume sua verdadeira forma (ogra) após beijar Shrek e acaba com o feitiço lançado sobre ela, que na verdade consistia em ser uma mulher com os padrões estéticos das princesas da Disney. Fiona, que aparece após as pesquisas que questionaram, nos anos 1990 até 2000, os referidos padrões estéticos, se torna um exemplo a questionar outras formas de corpo fora do protótipo de beleza que somos “acostumados” a ver.

Selecionei algumas imagens do projeto “bonecas feias” da artista visual Cláu Paranhos para a sala de aula, propondo um olhar sobre todas as experimentações vivenciadas até então para construção de um personagem que representasse a figura de si, livre de padrões e estereótipos trabalhados até então.

**Figura 24:** “Bonecos feios”

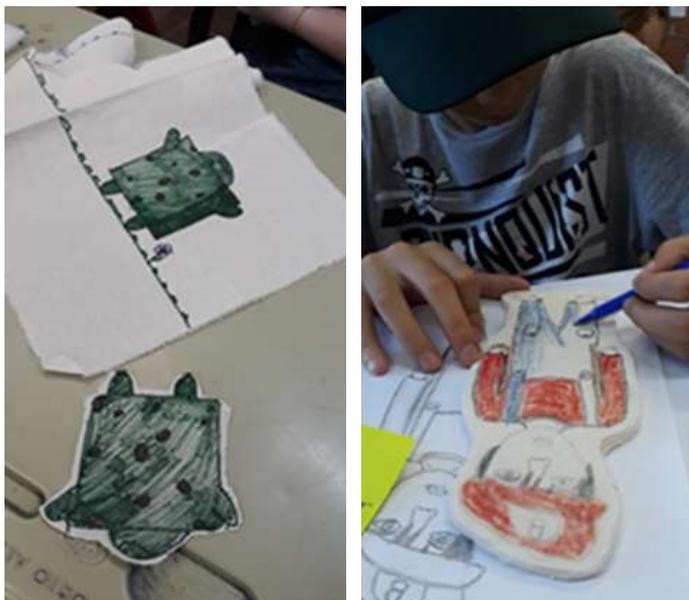


Fonte: Cláu Paranhos.

Cláu Paranhos<sup>8</sup>, Mestre em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel, com suas “bonecas feias”, tema de sua pesquisa de Mestrado, traz a reflexão sobre como os brinquedos são representados na cultura visual. Mas por que são chamadas bonecas feias? Porque não se encontram nos padrões culturais que ditam o que deve ser considerado bonito.

Foi a observação da forma como constantemente construímos nossos imaginários mediados pela cultura visual que me levou a uma atenção especial aos brinquedos, principalmente bonecos em geral, que coleciono em forma de *Toy Art* já há alguns anos. Caso possam as bonecas/bonecos, em sua suposta capacidade de influência através da uniformização, intervir na construção da autoimagem dos indivíduos, e quiçá na sua expressão, o movimento contrário influenciaria na desconstrução desses padrões (MONSELL; PARANHOS, 2017, p. 1857).

**Figuras 25 e 26:** Construção de personagens a partir da figura de si. Turma de Ensino Fundamental.



Fonte: autoria própria.

---

<sup>8</sup> Portfólio virtual da artista. Disponível em: < <http://clauparanhos.blogspot.com/> >. Acesso em 11.04.2020. A obra da artista é discutida em ZORDAN, Paola. Do detestável, do feio, das prisões: o olhar generoso de Cláu Paranhos. In: IX Congresso Internacional Criadores sobre outras Obras, 2018, Lisboa. Artes em Construção: o IX Congresso CSO'2018. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes UL, 2018. p. 851-861.

Em suas criações, muitos estudantes valorizaram suas características físicas que se diferiam dos outros e se reconheceram como produtores de uma nova forma de pensar sobre construção de um personagem a partir da imagem de si, baseando-se nas aprendizagens acerca da percepção de padrões e estereótipos presentes na nossa cultura.

[...] as imagens são mediadoras de valores culturais e contém metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2006, p.133 apud ABREU, 2010, p.35).

#### 4. O POP E OS MEIOS MIDIÁTICOS E SOCIAIS

**Figura 27:** *“Just what is it that makes today’s homes so different, so appealing?”*  
(Tradução Livre: O que será que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?).



Fonte: Colagem, 1956. Richard Hamilton.

Posteriormente ao período de estágio em Ensino Fundamental, realizei aulas de tutoria com estudante de Ensino Médio, isto como parte do estágio final do curso. Em razão da pandemia, esta experiência de formação docente ocorreu de modo remoto. A timidez da estudante foi uma característica

marcante, assim como o fato de não querer mostrar o rosto em frente à câmera na sala de aula virtual, assim como muitos estudantes, que por esses ou outros motivos, mantinham suas câmeras desligadas durante as aulas no *google meet*, ferramenta utilizada neste período. Em articulação com os temas e problematizações do presente trabalho, dialogamos em torno das influências midiáticas sobre o corpo e em relação a padronizações de gênero a partir da Figura da colagem do artista Richard Hamilton, “*Just what is it that makes today’s homes so different, so appealing?*”, 1956 (Tradução livre: O que será que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?). Nesta colagem podemos observar que a presença de meios tecnológicos e midiáticos, mesmo sendo nos anos 1950, já podiam gerar influências sobre corpos, como os presentes na Figura como parte do cenário.

Hoje em dia, muitos desses meios podem ser substituídos com o uso da internet, a notar pela estudante da tutoria, que escuta música, olha filmes, lê sites de notícias, tudo através do celular, onde também faz uso de redes sociais, assim como muitos adolescentes da sua idade círculo social.

Relacionado com o período da Pop Art <sup>9</sup>, questionei sobre “o que pode significar a palavra “pop”: O que é ser pop?” A estudante respondeu como “algo popular que muitas pessoas podem gostar como músicas, filmes, artes...” A partir disso, nos lembramos dos ícones pops presentes na cultura pop, principalmente em relação a música, na qual muitos adolescentes relatam gostar de K-pop (música popular coreana), a citar Black Pink e BTS.

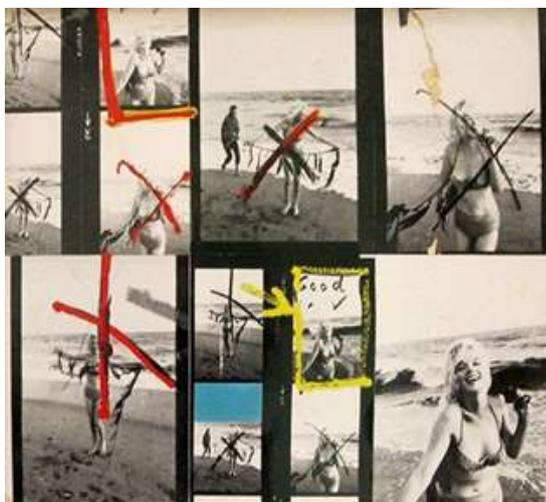
Estes ícones pop mostram o padrão de beleza sul coreano, de olhos grandes, nariz pequeno, fino e empinado e pele branca, onde muitos homens e mulheres recorrem a cirurgias plásticas para alcançar a aparência “perfeita” e também de juventude e inocência. Tutorias de maquiagem Ulzzang também mostram a mudança que muitas vezes se torna radical em rostos de mulheres coreanas. Não só o rosto, mas o corpo também passa por esse rígido padrão

---

<sup>9</sup>Pop Art, ou “arte popular” é um movimento artístico, surgido na década de 1959, que se caracteriza pela reprodução de temas relacionados ao consumo, publicidade e estilo de vida americano (*american way of life*). Este fenômeno baseou-se, em grande medida, na estética da cultura de massas. Disponível em < <https://www.todamateria.com.br/pop-art/> >. Acesso em 07.05.2021.

de beleza coreano, sendo magro, e mesmo agora modelos *plus sizes*, não representam uma pessoa acima do peso.<sup>10</sup>

**Figura 28:** Obra “My Marilyn”



Fonte: Richard Hamilton, 1964.

Nos anos 1950 surge a figura da *pin up*<sup>11</sup> e o mundo do cinema hollywoodiano apresenta Marilyn Monroe, nome artístico de Jeane Montensen, que passa a ter seu cabelo tingido loiro platinado. A atriz norte-americana começou como modelo *pin up*, sendo requisitada principalmente por propagandas e revistas que atendiam o público masculino. Em *Os homens preferem as loiras*, de 1953, com o papel de uma mulher sedutora, atribuído a Marilyn, começou a se disseminar o estereótipo de “loira burra”, criado por homens que diziam que as loiras, apesar de serem da preferência masculina, são menos inteligentes. Ou seja, esses mesmos homens que criaram um ideal estético feminino ao mesmo tempo reforçam a Figura inferiorizada referente ao gênero oposto. Monroe foi considerada um os maiores símbolos sexuais do cinema, mas suas formas voluptuosas poderiam significar estar acima do peso no mundo da moda que se instaurava no final do século XX, assim como as

<sup>10</sup> Confiram <https://yohstore.com.br/61681/caracteristicas-da-maquagem-ulzzang/>

<sup>11</sup> *Pin-up* (língua inglesa) vem do verbo “pendurar”. Isso porque durante a Segunda Guerra Mundial, nos anos 40 e 50, os soldados norte-americanos fixavam imagens de desenhos e fotos de mulheres, consideradas “bonitas” pelo gosto masculino, em seus beliches ou aeronaves. Eram imagens de mulheres com um corpo voluptuoso, em poses sensualizadas, usando batom vermelho e com ar de ingenuidade.

representações femininas na história da Arte apresentadas anteriormente. Na época onde o cinema, a publicidade e mercadorias comercializavam glamour, o filósofo Guy Debord em 1967, no livro *Sociedade do Espetáculo* critica o sistema capitalista que propagado pela publicidade induz ao consumo através do simulacro de imagens e não da realidade. O status quo submete os espectadores à busca de aparências em uma sociedade definida por classes.

Com a Figura “*My Marilyn*”<sup>12</sup>(1964), também feita artista Richard Hamilton, questionei à estudante sobre as características da Figura e possíveis relações com as escolhas de *selfies* publicadas em redes sociais para falar sobre autoimagem. Com seleção de *selfies* que gosta e não gosta, a estudante relatou não gostar de sua aparência, devido à presença de espinhas e outras características, consideradas por vezes feias, assim como muitos adolescentes que passam por essas mudanças corporais, naturais nesta fase, e acabam não vendo desta forma. Mas, com todos esses efeitos e filtros em imagens não só em redes sociais, mas na mídia em geral, como fica a questão da autoimagem? Essas imagens parecem surreais por vezes, modificando características naturais de rostos e corpos de adolescentes e de adultos. Toda essa ilusão de Figura como perfeita pode causar uma distorção de autoimagem em pessoas, o que pode gerar casos de distúrbios emocionais e alimentares, assim como trazer riscos a saúde e a vida de pessoas que passam por isso.

Falando sobre este assunto, apresentei à estudante duas artistas contemporâneas que ela não conhecia e que falam sobre esses padrões de beleza sobre o feminino, sobre essa forma, por vezes exagerada, de efeitos de Figura e procedimentos cirúrgicos em busca de uma beleza conforme os padrões estéticos presentes em mídias e redes sociais. São elas Cindy Sherman e Orlan.

---

<sup>12</sup> Hamilton fotografou as imagens da revista Town com fotos de Marilyn, que consistia em quatro impressões de contato 35mm em preto e branco, marcadas pela atriz e uma versão em tamanho real da fotografia que ela aprovou. Ele então repetiu essas imagens em várias dimensões em uma colagem, pintando sobre as marcações de Monroe nas fotos rejeitadas em vários tons de tinta a óleo. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/artworks/hamilton-my-marilyn-p04251>>. Acesso em 14.05.2021.

A artista Cindy Sherman <sup>13</sup>, com seu trabalho em fotografia e vídeo, fala a partir da estética feminista de política do corpo sobre a representação imagética da mulher construída pelo patriarcado. Através de autorretrato, Sherman encena os clichês femininos na cultura popular do século XX, questionando tanto padrões corporais e estéticos, quanto comportamentais, pensando o feminino na sociedade contemporânea.

**Figura 29:** Foto da artista Cindy Sherman



Foto: Reprodução/*Instagram*.

Nascida em Nova Jersey, EUA, no ano de 1954, Cindy Sherman é uma fotógrafa e diretora de cinema norte-americana, mais conhecida por seus autorretratos conceituais. A artista apresenta uma autoexploração sustentada, provocando as construções de identidades contemporâneas e discutindo a natureza da representação, essa elaborada a partir da oferta ilimitada de imagens e filmes, revistas, TV, internet e História da Arte. Sua obra levanta questões importantes e desafiadoras sobre o papel e a representação das mulheres na sociedade, a mídia e a natureza da criação da arte. A partir de 1976, após sua formatura em Artes Visuais no Buffalo State College, Sherman começou a fazer fotografias de si mesma, que ficaram conhecidas como *United Film Stills*, onde a artista se coloca nos papéis de filmes. Com vestidos, chapéus, perucas, desempenhando papéis de personagens – não é uma pessoa real, mas uma ficção autofabricada. Para criar suas fotografias, ela

---

<sup>13</sup> Mais sobre o trabalho da artista Cindy Sherman pode ser encontrado no site: < [cindysherman.com](http://cindysherman.com) >. Acesso em 20.04.2020.

assume várias funções: fotógrafa, modelo, maquiadora, cabeleireira, estilista e figurinista, capturando-se em uma variedade de formas e personagens. Em suas séries de fotografias “*Untitled Films Still*” a personagem feminina passa por transformações, como objeto do olhar do espectador masculino, que combinam poses de vulnerabilidade e erotismo a paródias irônicas sobre fetiche de consumo na indústria da moda.

Sherman passou a mudar seu estilo quase que inteiramente no que se refere como a série *Desastres e Contos de Fadas*. Pela primeira vez, ela não era modelo em todas as imagens. A partir de 1985, até 1989, estas imagens são muito mais grotescas, muitas vezes referindo a um olhar intencionalmente assustador e deformado. Emprega bonecas, peças ou partes do corpo de próteses para substituir o seu próprio corpo. Cenas com vômito, mofo e outras substâncias tem a intenção a explorar o nojento atribuído ao corpo. A figura de fetiche sexual vai desaparecendo aos poucos a cada série, assim como identidades plurais vão se construindo, mostrando partes do corpo com próteses falsas remetendo às cirurgias plásticas, ao sangue menstrual visto com repulso, à comida apodrecida e aos vômitos por distúrbios alimentares causados pela Figura anoréxica de modelos, aos fluídos sexuais que são escondidos pelos cosméticos criados propriamente para isso, até apresentar um corpo desintegrado, representando as máscaras sociais. Em torno de 1988 – 1990 Sherman novamente usa-se como modelo, em papéis de pinturas arquetipicamente famosos, recriando obras de arte de grandes mestres, desta vez usando próteses para aumentar partes do seu próprio corpo. Em 1992 Sherman embarcou em uma série de fotografias referidas como “*Sex Pictures*”, onde está totalmente ausente a partir dessas fotografias. Ela usa novamente bonecas e partes do corpo protéticos com poses altamente pornográficas.

Recentemente Cindy Sherman posta fotos em sua página no *Instagram* com imagens manipuladas de uma forma que parecem pinturas surrealistas, a fim de ironizar o ideal de beleza e *glamour* que acumula vários *likes* nos moldes estéticos hollywoodianos. Ela levanta a questão sobre o envelhecimento, que acaba sendo negado e mascarado na mídia, onde visualmente se consomem ícones cada vez mais jovens, reciclando essa imagem incessantemente como produto.

Um referencial importante da nossa época e o corpo exposto. O corpo que reproduz a si mesmo em fotos, que se coloca a mostra. Que precisa destacar-se dos demais para ter uma identidade, já que esta vem de fora, vem do outro - o sujeito não se reconhece por si mesmo, e o olhar do outro que vai, ou não, dar a ele identidade. O corpo que se mostra em todo o seu cotidiano pela Internet através de câmeras de vídeo. O corpo que se expõe nu. A nudez, carregada de apelo erótico, utilizada em grande escala por campanhas publicitárias, programas de televisão, filmes, ensaios fotográficos, sites da Internet e desfiles de moda, não só reafirma os padrões estéticos vigentes, despertando no indivíduo o desejo de que seu corpo seja semelhante ao apresentado, como também tira do fato de estar despido o caráter de inusitado. Para suscitar reações intensas e inesperadas, não basta o corpo estar nu, ele necessita estar pelado. Não basta expor o exterior do corpo, há a necessidade de expor seu interior. (PIRES, 2001)

Houve, nas últimas décadas, um aumento de procura por academias, dietas milagrosas, produtos redutores de medidas, assim como suplementos alimentares, em busca de um corpo “saudável” e definido. Homens com mais músculos que as esculturas masculinas gregas, e mulheres com a cintura reduzida, pele firme (aspecto jovem) e “sem celulite”. A aparência estética corporal feminina sofre constantes exigências impostas tanto pela indústria da moda e mídia. Consultórios de cirurgias plásticas, que começaram nos anos 1920, são cada vez mais procurados, a partir dos anos 1990, para mudar o rosto e corpo, por um grande contingente de mulheres.

**Figura 30:** “O rosto do século XXI”



Fonte: Orlan, 1990

A artista francesa Orlan<sup>14</sup>, nascida em 30 de maio de 1947, cria esculturas, faz fotografias, performances, vídeos, realidade aumentada e trabalha desde 1964 sobre o tema do *status* do corpo, sobretudo o corpo da mulher na sociedade e as pressões exercidas sobre ele, sendo muito ligada ao movimento feminista. Segundo ela, usar seu corpo torna-se um ato político.

“A Arte Carnal é um trabalho de autorretrato no sentido clássico, mas com meios tecnológicos que são aqueles de seu tempo. Ela [a arte carnal] oscila entre desfiguração e refiguração. Ela [a arte carnal] se inscreve na carne porque nossa época começa a dar a possibilidade. O corpo se torna um “*ready-made* modificado” porque ele não é mais esse *ready-made* ideal que é só assinar. A Arte Carnal não se interessa ao resultado plástico final, mas à operação-cirúrgica-performance e ao corpo modificado, tornado lugar de debate público.”<sup>15</sup>

Orlan usa a tecnologia para esculpir seu corpo, com objetivo de desafiar padrões impostos via as cirurgias as quais se submete. Entre 1990 e 1993 ela passou por nove performances, baseando-se em textos filosóficos, psicanalíticos e literários, desenvolvendo o tema *performance-cirurgia*. A artista criava o cenário e médicos e enfermeiros também se vestiam como personagens. Em parte das cirurgias, as anestésias eram locais para que pudesse dirigir a performance, lendo o máximo possível do texto escolhido

<sup>14</sup> Página Oficial da artista Orlan: < [www.orlan.eu](http://www.orlan.eu) >. Acesso em 20.09.2020.

<sup>15</sup> Informações obtidas em: < <https://artrianon.com/2018/02/13/obra-de-arte-da-semana-as-cirurgias-plasticas-performances-de-orlan/> >. Acesso em 20.09.2020.

durante o procedimento. Ela fez várias operações, como o queixo para ficar parecido com a Vênus de Botticelli, o nariz inspirado na Pysché de Gerard, questionando assim o olhar do artista homem, agente ativo que pinta um corpo idealizado da mulher passiva. Orlan mostra que a idealização do corpo existe em diversas sociedades e épocas, não só na atual. Na cirurgia em que foram implantadas próteses na testa da artista, que são usadas para deixar as maçãs do rosto protuberantes, Orlan mostrou a aparência de algo que não seria considerado belo, relativizando o conceito de beleza.

No livro *O corpo como objeto de arte*, Jeudy conclui que:

Há na história da arte do século XX uma vontade manifesta de romper com a tirania do espelho. Mas esta não se traduz por uma cristalização crescente dos modelos de representação? A violência crítica que opera na criação artística terminou por ser produtora de estereótipos culturais. Ela não pode mais se enganar quanto à sua capacidade de subverter clichês, pois os inventa bem mais poderosos por suas pretensões teóricas. Essa “sucessão de estereótipos” da representação do corpo, tanto na criação artística quanto na vida cotidiana, prossegue de uma maneira contagiosa, impondo ao mesmo tempo uma “ordem estética” e sua confusão. Pela dinâmica de sua repetição e por sua colisão, as imagens corporais se renovam desde sua estereotipia, e a reversibilidade constante do que permite sempre crer em sua capacidade de ser inalcançáveis. (JEUDY, 2002)

## **5. CONCLUSÃO: sobre as experiências em sala de aula**

Durante os estágios consegui ter outra perspectiva sobre a escola, daquela onde até então era somente espectadora, de outro ponto de vista. Foi difícil lidar com o fato de ter que assumir outra posição diferente da que ocupava até então em uma sala de aula. Ao mesmo tempo, foi motivador, pois percebi o interesse dos estudantes em ouvir e dialogar sobre o tema proposto, tema de minha própria pesquisa. Diante de experiências e reflexões sobre questões pertinentes ao corpo, muitas coisas foram pensadas e aprendidas. Como nós nos vemos e o que mostram as imagens que consumimos visualmente, se estas nos representam, de que forma nos representariam, se encontramos alguma identificação nelas ou não e por quê.

Nas práticas em sala de aula, outras questões surgiram referentes ao corpo:

- A nudez presente em imagens de esculturas da Grécia Antiga, apresentadas aos alunos, levou ao questionamento sobre o porquê nos dias de hoje o nu ser considerado, às vezes, como “feio” ou “atentado ao pudor” quando em público.
- A anatomia do corpo com características diferentes em homens e mulheres (sexuais) e o porquê dessas formas.

Aprender a ter “1000 olhos” como a professora da turma me falou não é fácil e exige prática. Queria poder ter dado mais atenção e escutado mais cada um dos vinte e seis estudantes do estágio em Ensino Fundamental, perceber cada singularidade em meio aos conteúdos programados, aos imprevistos fora do cronograma de aula e às agitações. Mas a aprendizagem foi para além do período de estágio. Errei, acertei, mas vi as aulas como uma construção coletiva, pois também estava aprendendo tanto com os alunos quanto com as experiências vivenciadas. Aprendi juntamente com a turma do 6º ano, ao mesmo tempo em que era a estagiária, também era estudante, pesquisando e descobrindo mais sobre o tema proposto e principalmente com as respostas dos estudantes não só em relação às aulas, mas na interação gerada com o convívio semanal que tivemos. Fui percebendo as individualidades dos estudantes e assim como nas aulas de tutoria com uma estudante, comecei a pensar em formas de instigar o interesse pelo assunto que pesquiso e problematizá-lo, assim possibilitando a se expressarem livremente, deixando que descobrissem mais até sobre si mesmos através das experimentações referentes ao corpo e suas características e também pensando sobre o belo e o feio referente ao corpo.

Ao final do projeto fiz um questionário aos estudantes de ensino fundamental, a fim de ver as conclusões que chegaram a respeito do tema. Surgiram respostas que expressaram que após o projeto os alunos terem se conhecido melhor, tratando dos seus gostos e opiniões durante as experimentações. Também houve a conclusão, por parte de uma aluna, sobre não existir somente um padrão de beleza, visto que a cultura oriental agora evidenciada com o K-pop mostra outros padrões, assim como em outras culturas mostradas anteriormente.

A experiência com tutoria de estudante do ensino médio foi muito rica, pois percebi a necessidade de falar sobre este assunto na fase da adolescência, onde a presença de ícones pop, até para outras fixas etárias, se torna referência de moda, estilo e também de beleza, mas nem sempre esses corpos midiáticos e em redes sociais são reais, por vezes modificados com efeitos de Figura, maquiagem, cirurgias plásticas e tornando essa “perfeição” como um produto inalcançável aos seus seguidores, que podem vir a ter problemas com relação à autoimagem devido à comparação a essas formas ditas “belas” e pensar sobre o que é considerado feio e as possíveis influências deste pensamento presentes nas imagens de mídias e redes sociais.

Em diferentes culturas se estabelece um tipo determinado padrão estético influenciado pelos meios de consumo, porém no momento em que o indivíduo passa a entender esse processo, pensando os efeitos da cultura de massas, pode mudar a forma de pensar sobre a imposição gerada sobre o que é belo ou o que é feio e valorizar suas próprias características físicas. Isso reflete na melhora da autoestima e incentiva a pensar sobre uma real representatividade no que se refere a meios midiáticos.

A escola deve também ser um espaço de questionamento sobre certos padrões impostos pela nossa cultura e aprendizado para a convivência com respeito às diferenças e as Artes Visuais contribuem para colocar em discussão, na escola e outros espaços de aprendizagem, essas questões através de imagens da história da arte e seus contextos históricos, assim como com trabalhos de artistas contemporâneos, podendo ser associado com a cultura visual dos estudantes em suas diferentes faixas etárias e contextos sociais.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luciane. **Bruxas, bruxos, fadas, princesas, príncipes e outros bichos esquisitos...: as apropriações infantis do belo e do feio nas mediações culturais.** Dissertação de Mestrado, UFRGS, Faculdade de Educação, PPG em Educação. 163 pág. Porto Alegre, 2010. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/66834> >. Acessado em: 29.04.2020.

Argolas de metal no corpo de mulheres. Fonte: < <https://bodypublication.wordpress.com/2010/11/13/modificacao-corporal-na-cultura-de-algumas-tribos/> >. Acesso em 23.11.2020.

BARRETO, Nayara Matos. **Do nascimento de Vênus à arte feminista após 1968: um percurso histórico das representações visuais do corpo feminino.** 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, 30 de maio a 1 de junho, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/do-nascimento-de-venus-a-arte-feminista-apos-1968-um-percurso-historico-das-representacoes-visuais-do-corpo-feminino>>. Acesso em: 06.04.2020.

BOTERO, *Mona Lisa*, 1978. Fonte: < <https://www.culturagenial.com/obras-primas-fernando-botero/> >. Acesso em 28.12.2020.

Cindy Sherman (Reprodução: Instagram). Fonte: < <https://shifter.sapo.pt/2017/08/cindy-sherman-selfies/> >. Acesso em 05.06.2020.

Cores e Botas, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LI8EYEygU0o> >. Acesso em 13.12.2020.

COSTA. Jean Henrique. **A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno.** Trans/Form/Ação vol.36 no.2 Marília May/Aug.2013. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732013000200009](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732013000200009) >. Acesso em: 15.04.2020.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. **Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993)**. Artigo. Rev. Estud. Fem. vol.20 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2012000100008>>. Acesso em 02.02.2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acessado em: 28.04.2020.

Design Culture, disponível em <<https://designculture.com.br/harmonia-rosales-substitui-personagens-de-obras-classicas-por-mulheres-negras>> Acesso em 28.12.2020.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/belo>>. Acesso em 22-03-2020.

DISNEY. Bruxa da Branca de Neve. Disponível em: <[https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Bruxa\\_\(Branca\\_de\\_Neve\\_e\\_os\\_Setes\\_An%C3%B5es\)](https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Bruxa_(Branca_de_Neve_e_os_Setes_An%C3%B5es))> acesso em 30.01.2021.

ECO, Umberto. **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

EDULL, disponível em: <https://heyedull.com/>>. Acesso em 14.05.2021. Ivan Furlong, site de pesquisa: <<https://www.superfeed.com.br/2018/06/princesas-disney-plus-size.html>>. Acesso em 14.05.2021.

Escarificações na pele. Fonte: <<http://bodypublication.wordpress.com/2010/11/13/modificacao-corporal-na-cultura-de-algumas-tribos/>>. Acesso em 21.12.2020.

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro; LIMA, Ricardo Bezerra Torres; COSTA, António Silva; FILHO, Ademar LUCENA. **O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC**. P.1-16. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.3, p.389-404, jul./set. 2010. <

<https://www.scielo.br/j/rbefe/a/rMpVx4jWKSSJmm9zsGT6fjh/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 20.09.2020.

GOMES, Paola B. M. B. **Mídia, imaginário de consumo e educação.** Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, abril/2001. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a11v2274.pdf> >. Acessado em: 10.04.2020.

GOMES, Paola.B.M.B., **A formação de visualidade, imaginário e estereótipos.** Revista da Fundarte. Montenegro, Fundação Municipal de Artes de Montenegro. vol. 2, no 4, p.32-39, jul/dez, 2002.

HAMILTON, Richard. *“Just what is it that makes today’s homes so different, so appealing?”* (O que será que torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?). Colagem, 1956. Disponível em: < [https://www.ch.ufcg.edu.br/sites/arius/01\\_revistas/v20n2/10\\_arius\\_v20\\_n2\\_2014\\_o\\_que\\_exatamente\\_torna\\_os\\_lares\\_de\\_hoje\\_tao\\_diferentes.pdf](https://www.ch.ufcg.edu.br/sites/arius/01_revistas/v20n2/10_arius_v20_n2_2014_o_que_exatamente_torna_os_lares_de_hoje_tao_diferentes.pdf) >. Acesso em 20.02.2021.

HAMILTON, Richard. *“My Marilyn”*, 1964. Disponível em < <https://br.pinterest.com/pin/455919162262742850/> >. Acesso em 21.02.2021.

**História da Beleza.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

INCRÍVEL Club, disponível em <<https://incrivel.club/admiracao-curiosidades/26-imagens-da-vida-da-barbie-todas-com-uma-historia-por-tras-449610/>>. Acesso em 11.04.2020.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de Arte.** Tradução Tereza Lourenço. - São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência.** Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.148-164, Jul/Dez 2008.

MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli. **Fronteiras do corpo: Paradoxos na construção da singularidade.** Dissertação de Mestrado, UFRGS, Faculdade de Educação, PPG em Psicologia Social e Institucional. 102 páginas. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6592/000487050.pdf?sequence=1> >. Acesso em 21.05.2021.

MARTINS, Alice Fátima. **Da educação artística à educação para a cultura visual: revendo percursos, refazendo pontos, puxando alguns fios dessa meada....** In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p. 101-117. Disponível em: < [file:///C:/Users/Deise/Downloads/Da\\_educacao\\_artistica\\_a\\_educacao\\_para\\_a%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Deise/Downloads/Da_educacao_artistica_a_educacao_para_a%20(2).pdf) >. Acesso em: 02.05.2020.

MENDES, Mônica Vitória. SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Protagonismo feminino em desenhos animados: gênero e representações no entretenimento audiovisual.** PPGMC. Mídia e cotidiano, Revista do programa de pós-graduação em mídia e cotidiano: UFF, v. 12, n. 2, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/10065/8498> >. Acesso em: 04.05.2020.

MONSELL, Alice Jean; PARANHOS, Cláudia da Silva. **Bonecas feias: brincando com padrões culturais do corpo na arte e na contemporaneidade,** In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, p.1854-1867, 2017. Disponível em: < [http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro\\_\\_\\_\\_\\_MONSELL\\_Alice\\_Jean\\_\\_PARANHOS\\_Cl%C3%A1udia\\_da\\_Silva.pdf](http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_____MONSELL_Alice_Jean__PARANHOS_Cl%C3%A1udia_da_Silva.pdf) >. Acesso em: 30.05.2020.

*O Nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli, virou *O Nascimento de Oxum* por Harmonia Rosales (Foto: Reprodução/*Instagram*). Fonte: < <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2018/08/artista-recria-obras-classicas-trocando-personagens-brancos-por-negros.html> >. Acesso em 28.12.2020.

Orlan, O rosto do século XXI, cirurgia plástica, 1990. Fonte: < <https://artrianon.com/2018/02/13/obra-de-arte-da-semana-as-cirurgias-plasticas-performances-de-orlan/> >. Acesso em 20.09.2020.

PARANHOS, Cláudia “Bonecos feios”. Fonte: < <http://clauparanhos.blogspot.com/> >. Acesso em 11.04.2020.

Pé de Lótus”. Fonte: < <https://www.fatosdesconhecidos.com.br/conheca-os-pes-de-lotus-tecnica-de-beleza-mais-dolorosa-praticada-na-china/> >. Acesso em 18.11.2020

PICASSO, Pablo. Mulher chorando, 1937, óleo sobre tela, 60,8 x 50 cm, Tate Gallery, Londres. <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/mulher-chorando-pablo-picasso/> >. Acesso em 30.01.2021.

PIRES, Beatriz Fonseca Ferreira. **Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem. O corpo como Suporte da Arte.** Dissertação de Mestrado em Artes Visuais- Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. 229 páginas. Campinas, SP, 2001.

Primeira Barbie. Reprodução Mattel. < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/barbie-trajetoria-boneca.phtml> >. Acesso em 20.05.2020.

Princesas Disney versão original e versão plus-size. Fonte: < <https://www.superfeed.com.br/2018/06/princesas-disney-plus-size.html> >. Acesso em 30.01.2021.

Resenha, **Uma Narrativa Histórica Por Meio Da Beleza.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 29, n. 2, p. 245-251, jan. 2008. P. 248.

ROVERI, F. T.; SOARES, C. L. **Meninas! Sejam educadas por Barbie e “com” a Barbie...** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 147-163, jul./set. 2011. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602011000300010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000300010) >. Acesso em: 20.04.2020.

SARDELICH, Maria Emilia. Artigo: **Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa.** Educar, Curitiba, n. 27, p. 203-219, 2006. Disponível em: < Editora UFPR, 2006. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100013&script=sci_abstract&tlng=pt) >. Acesso em: 01.05.2020.

STEELE, Valerie. Fetiche- **Moda, Sexo e Poder**, Rio de Janeiro (Ed. Rocco), 1997, p.1 01. Em PIRES, Beatriz Fonseca Ferreira. Piercing, Implante, Escarificação, Tatuagem. O corpo como Suporte da Arte. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais- Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. 229 páginas. Campinas, SP, 2001. P. 125.

TINOCO, Bianca Corrêa; FERRAZ, Júlia Cortizo; LIRA, Lorena Ohanna Prado; COVALESKI, Rogério Luiz. **Princesas Disney: a influência dos padrões de beleza na exibição das personagens em campanhas publicitárias**. Trabalho apresentado no IJ 2 – Publicidade e Propaganda do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: < <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1333-1.pdf> >. Acesso em: 19.05.2020.

Tirinha Bild Lilli. Fonte: < <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-bild-lilli-boneca-pornografica-que-deu-origem-barbie.phtml> >. Acesso em 21.01.2021.

VIGARELLO, Georges. Resenha, **Uma narrativa histórica por meio da beleza**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 29, n. 2, p. 245-251, jan. 2008. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338532015.pdf> >. Acesso em 20.05.2021.

Xuxa e as Paquitas, anos 1980. Fonte: < <https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2018/11/09/ao-lado-das-paquitas-xuxa-reproduz-foto-iconica-dos-anos-80/> >. Acesso em 20.05.2020.

ZORDAN, Paola B. M. B. G.. ENSAIO. **Bruxas: figuras de poder**. *Witches: figures of power*. Rev. Estud. Fem. vol.13 no.2 Florianópolis May/Aug. 2005. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000200006](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200006) >. Acesso em: 14.04.2020.

ZORDAN, Paola B. M. B. G.. **Princesas: produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo**. Curitiba: CRV, 2019.



## APÊNDICE I

**Projeto de Ensino apresentado no semestre 2019/2 na disciplina de Estágio II – Docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental. Professora Dorcas Janice Weber.**

Encontro 1: Desenho da figura de si.

-Apresentação;

-Pedir para os estudantes formarem duplas;

-Entregar um papel pardo para cada dupla e giz escolar, e pedir para que uma pessoa deite sobre o papel pardo e a outra faça o contorno do corpo da pessoa que se encontra deitada, depois troque;

-Propor para que os alunos ao término da primeira atividade observem e falem como são as formas desses corpos no papel pardo (diferenças e semelhanças nos formatos de partes do corpo, tamanho, largura);

-Propor escrita sobre características e gostos pessoais de cada aluno, escrevendo dentro do seu contorno do corpo;

-Conversa sobre a atividade;

-Apresentação de imagens de litografias de Keith Haring - relação com o desenho do corpo.

Encontro 2: O Belo Grego à Renascença.

-Entrega dos desenhos de contorno do corpo. Colocar no chão formando um círculo para que todos observem, procurando características e comum;

-Em um desenho de círculo grande com giz escolar pedir para que todos fiquem ao redor do círculo;

-Os alunos fazem perguntas para todos ao redor do círculo, ex.: “Quem gosta de ouvir música pop?”. As pessoas que gostam entrem no círculo;

Segundo momento:

-Apresentação imagens de esculturas gregas e obras de arte até o Renascimento: O que elas têm em comum? Como são os homens? Como são as mulheres? Jogos Olímpicos, homens musculosos, e as mulheres onde estavam? São “belos”? Por quê? O que é o Belo hoje? Explicação conforme a época. E nos dias de hoje, o que é beleza?

-Com canetas marca texto, pedir para que os alunos modifiquem os corpos das imagens, refletindo sobre a conversa.

Encontro 3: Expressões faciais e construção de rosto com recortes de revistas.

- Formação de duplas conforme o espelho de classe;

-Propor atividade (explicar) na qual um é o artista e o outro a escultura, sendo “moldado” pelo se par;

-Cada um molda o rosto do outro (possíveis expressões, caretas);

(Em um papel transparente desenhar o contorno dos traços formados por essa modelagem), após troca de posição da dupla;

-Observação das expressões obtidas com a experimentação.

Segundo momento:

-Apresentação de obras de Arte na história da Arte: imagens "Mulher chorando" (Pablo Picasso) e "As quatro estações" (Giuseppe Arcimboldo);

-Distribuição de revistas para criação individual de um rosto a partir da conversa.

Encontro 4: Cultura visual

- Criação de um mural com recortes de revistas com imagens de pessoas consideradas “bonitas” e “feias” escolhidas individualmente;
- Observação e conversa sobre a atividade;
- Conversa sobre caracterização de personagens, ex.: Bruxas, e padrões e estereótipos encontrados na cultura visual;
- Pedir nomes de personagens que não tenham esses padrões;
- Após conversa, os estudantes escrevem no mesmo mural (no lado inverso) as características que consideram “bonitas” e características “feias” em uma pessoa (além da fisionomia) na opinião de cada um.

#### Encontro 5: Distorções do corpo

- Com brinquedos: Barbies e super-heróis, experimentar com projeção de sombra, novas formas que podem surgir de um corpo, com de lanternas ou celulares;
- Demarcação da sombra com caneta colorida e pintura;
- Observação das formas adquiridas;
- Apresentação do trabalho de artistas com projeção de sombra: Regina Silveira.

#### Encontro 6: Corpos estranhos

- Apresentação do jogo “cadáver requintado” e sua origem no surrealismo;
- Distribuição de imagens de personagens da cultura visual dos alunos;
- Pedir para os alunos dividir a Figura recebida com lápis, em quatro partes (cabeça, tronco, pernas e pés);
- Distribuição de papel A4 e dobra do papel em quatro partes;

- Começar com desenho da cabeça da Figura recebida;
- Trocar de folha com o colega até que o corpo inteiro esteja desenhado;
- Com o desenho já concluído, pedir para os alunos colorir a figura formada, com cores de livre escolha;
- Observação e conversa coletiva sobre a atividade.

#### Encontro 7: Criação de personagem.

- A partir de todas as experimentações realizadas no decorrer das aulas, pedir para que os alunos pensem na criação de um personagem a partir da figura de si;
- Distribuição de papéis para rascunho, tecidos e material para pintura;
- Material de pintura disponível para livre escolha e experimentação de cada aluno.

#### Encontro 8: Continuação da construção dos personagens

- Descrição: Nome, características, hobbies, gostos, sentimentos...;
- Propor para que os alunos sugiram o que fará parte da escrita, registrando no quadro.

#### Encontro 9 e 10: Apresentação de trabalhos

- Apresentação dos trabalhos em um grande círculo;
- O que foi pensado para a construção do personagem? Características em comum ou diferente. Como é ou como gostaria de ser? Por quê?
- Avaliação do projeto e do desenvolvimento.

## APÊNDICE II

**Projeto de Ensino apresentado no semestre 2020/2 na disciplina de Estágio III – Docência em Artes Visuais no Ensino Médio. Tutoria de estudante de modo remoto. Professora Luciana Grupelli Loponte.**

Encontro 1: Mídias sociais

Observação de características presentes na Figura da obra de Arte de Richard Hamilton;

Conversa sobre o cotidiano atual e possíveis relações com a Figura da obra de arte: “O que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?” (semelhanças e diferenças);

Construção de mural individual ou em conjunto (virtual ou manual) referente a pergunta na Figura: “O que exatamente torna os lares de hoje tão diferentes, tão atraentes?” com imagens e/ou escrita.

Analisar possíveis relações e diferenças entre o mural construído e a obra de Arte dos anos 1950: características dos objetos, corpos e mídias e suas influências.

Identificar uso de redes sociais, aplicativos, sites entre outros de preferência do estudante, logomarcas, características, cores.

Encontro 2: Pop Art e ícones pop

Iniciar o encontro com uma pergunta: O que pode ser “pop”?

Em seguida propor outras questões possíveis referentes à palavra "pop";

Indicar o vídeo referente a Pop Art: <  
[https://www.youtube.com/watch?v=\\_9YmPFpWI4k&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=_9YmPFpWI4k&feature=emb_logo) >

Conversa sobre a Pop Art, o período da Figura da obra de Arte de Richard Hamilton apresentada no encontro anterior, dialogando com o pensamento de artistas da época sobre consumo de imagens e ícones pop;

Observar a Figura da serigrafia “Marilyn Monroe” (1967) de Andy Warhol, falando sobre características da obra de Arte: a repetição, as cores vibrantes, a serigrafia, o retrato de uma personalidade famosa da época;

Questionar e identificar ícones, personalidades famosas que são referências imagéticas da estudante;

Propor ao estudante o uso de algum aplicativo (sugestão do Reface app) a fim de escolher um ícone ou mais de sua preferência juntamente com a sua Figura.

### Encontro 3: Padrões estéticos em mídias sociais

Apresentação de manipulação de imagens feitas com o aplicativo Reface app;

Analisar características encontradas em personalidades da cultura do estudante, porquê da sua escolha, se existem semelhanças entre o estudante e seu “ícone pop” e quais são, assim como identificar possíveis diferenças existentes;

Fazer uma análise do aplicativo sobre características predominantes nos ícones presentes em geral e padrões estéticos que possam ser encontrados;

Apresentar a Figura de <https://meet.google.com/fud-ocgp-wrs>, indagando a reflexão sobre as selfies e imagens presentes em redes sociais, a questão da autoimagem;

Encontrar relações com a cultura de Figura do estudante e influências que possam surgir na sua autoimagem.

Questionar em relação as selfies do estudante em redes sociais: fotos que gostam e não gostam, porque, relatando com imagens de selfies.

Identificar características presentes nas selfies de escolha do estudante (uso de filtros, ângulos, qualidade da imagem...) que diferenciam o que o estudante considera bonito ou feio na sua autoimagem.

#### Encontro 4: Arte contemporânea e padrões estéticos

Apresentar alguns trabalhos de artistas contemporâneos que falam sobre padrões estéticos e corpo, como Orlan em sua cirurgia plástica performance e possíveis relações com a Figura apresentada no primeiro encontro e o culto ao corpo;

Apresentar imagens dos autorretratos da série “*united still*” de Cindy Sherman e falar sobre o trabalho da artista contemporânea;

Dialogar com imagens vistas anteriormente, observando o pensamento da artista em relação a cultura de Figura, assim como questões de beleza e corpo feminino;

Propor alguma interferência de foto ou *selfie* do estudante pensando a partir das *selfies* da artista Cindy Sherman no Instagram;

Questionar sobre quais as influências tecnológicas, visuais no cotidiano que interferem/modificam o meu corpo? Podemos classificar como negativas e positivas? Se sim, como? Por quê?

#### Encontro 5: Performance e redes sociais

Conversa sobre a proposição do encontro anterior: interferência em Figura fotográfica do estudante a partir do trabalho da artista Cindy Sherman;

Apresentar Figura da artista Amalia Ulman, conhecida com suas performances no Instagram. “Ela se apresentou como um personagem semi-ficcional baseado em imagens populares que certas garotas (ricas, jovens, muitas vezes brancas) postam de si mesmas no Instagram.”

Conversa sobre aspectos presentes na performance da artista, reação e opiniões de seguidoras do Instagram de Amália Ulman.

Apresentar o trabalho da artista Ana Mendieta referente a corpo e padrões estéticos;

Propor uma narrativa através de imagens e fotos, dialogando com os assuntos trabalhados durante os encontros: mídias sociais, padrões estéticos e auto Figura.

Indicar o Instagram de Pablito Aguiar como uma possível referência de diálogo e quadrinhos com imagens.

Encontros 6 e 7: Narrativa visual e escrita

Apresentação da experimentação com imagens na construção de narrativa a partir do tema proposto em encontro anterior;

Diálogo sobre reflexões que surgiram com a experimentação;

Propor uma escrita de texto referente aos encontros e ao tema, dúvidas que possam ter surgido, sugestões, o que gostou e não gostou, por que.